

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL**

Carina Batista Bohnert

**MEMÓRIA, CULTURA E PATRIMÔNIO NOS 100 ANOS DO COLÉGIO
CENTENÁRIO: REGISTROS E ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS**

Santa Maria, RS
2020

Carina Batista Bohnert

**MEMÓRIA, CULTURA E PATRIMÔNIO NOS 100 ANOS DO COLÉGIO
CENTENÁRIO: REGISTROS E ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fernanda Kieling Pedrazzi

Santa Maria, RS
2020

Bohnert, Carina Batista

MEMÓRIA, CULTURA E PATRIMÔNIO NOS 100 ANOS DO COLÉGIO
CENTENÁRIO: REGISTROS E ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS / Carina
Batista Bohnert.- 2020.

152 p.; 30 cm

Orientadora: Fernanda Kieling Pedrazzi
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, RS, 2020

1. Arquivo fotográfico 2. Patrimônio Cultural 3.
Colégio Centenário 4. Preservação 5. Salvaguarda I.
Pedrazzi, Fernanda Kieling II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

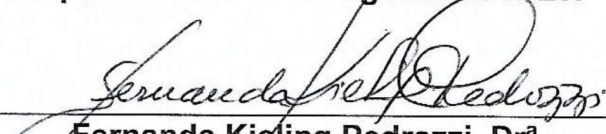
Declaro, CARINA BATISTA BOHNERT, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Carina Batista Bohnert

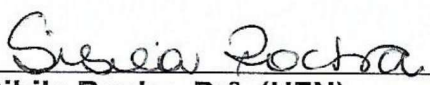
**MEMÓRIA, CULTURA E PATRIMÔNIO NOS 100 ANOS DO COLÉGIO
CENTENÁRIO: REGISTROS E ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

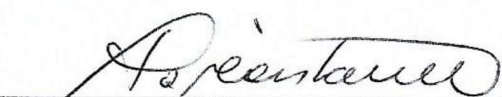
Aprovado em 17 de agosto de 2020.



Fernanda Kieling Pedrazzi, Dr^a.
(Presidente/Orientadora – UFSM)



Sibila Rocha, Dr^a. (UFN)



Sônia Elisabete Constante, Dr^a. (UFSM)

Santa Maria, RS
2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao Centenário e a toda a comunidade centenarista, que foram fonte de inspiração para a realização desta dissertação.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação chegou a fase final pelo apoio de inúmeras pessoas que participaram e contribuíram com esse trabalho.

Sempre gostei de histórias; sou feita de sentimentos e memórias. Não exatamente as minhas memórias, mas daqueles que a mim confiaram as suas lembranças e fizeram com que a minha imaginação corresse solta.

Foi com imaginação, curiosidade, pesquisa, estudo e criatividade que esse trabalho tomou forma. Sendo assim, agradeço a todos que contribuíram nas mais diversas maneiras:

- Agradeço a todos aqueles que participaram da construção da história do Colégio Centenário, envolvendo em alguns momentos a história da instituição de ensino com a sua própria história de vida. Em especial, agradeço a *Miss Eunice F. Andrew* e *Miss Louise Best* pelo amor e coragem de criarem a instituição de ensino.

- Agradeço também a Carlinda Schuler Ebling, minha grande inspiração nesse trabalho ao ser a pioneira a sistematizar as memórias do Centenário através do Livro “Centenário – uma história escrita com amor e por amor”. Com data de nascimento de 1905, Carlinda poderia ter sido minha bisavó; e neste sentido encontro parte da minha inspiração com as relações familiares que carrego. Sempre gostei de ouvir as memórias da família transmitidas por gerações, fosse pela vinda dos meus antepassados paternos, que vieram como imigrantes para colonizar o Rio Grande do Sul, ou dos antepassados maternos, que vieram desbravar estes pampas gaúcho.

- Agradeço à direção do Colégio Centenário que sempre esteve presente e apoiando este projeto.

- Agradeço aos ex-alunos que contribuíram com este trabalho, em especial à Sônia Tolfo, também minha incentivadora e peça chave para este projeto.

- Agradeço à professora Rosanara Pacheco Urbanetto, orientadora inicial desta pesquisa.

- Agradeço com todo o carinho à professora Fernanda Kieling Pedrazzi, que assumiu como orientadora ao longo do percurso e também foi peça fundamental para a realização desse projeto.

- Agradeço a todos os professores e colegas de mestrado, os quais possibilitaram o compartilhamento de conhecimentos e experiências.

- Agradeço a minha colega Adriana Gonçalves Ferreira que se tornou amiga durante o mestrado. Parceira de madrugadas de produção e ombro amigo das horas difíceis.

- Agradeço à Universidade Federal de Santa Maria, por ter proporcionado esse curso de mestrado e pelo estudo de qualidade oferecido.

- Agradeço aos colegas de trabalho do Centenário que confiaram no projeto e se juntaram nesse propósito.

- Agradeço aos amigos e mãos colaborativas que fiz ao percorrer este caminho.

- Agradeço a minha família de origem e à família que construí que são base de quem eu sou.

Por fim, agradeço àquele que foi fundamental para que tudo isso fosse possível, àquele quem sem a sua mão e o seu apoio não teria chegado até aqui; à Deus agradeço por toda a inspiração e força para a conclusão deste projeto. Em todo o percurso vi sua mão agindo em cada detalhe, fortalecendo em cada momento de dificuldade e tornando possível cada conquista. Deus é maravilhoso e perfeito!

*Partes de um Colégio, pedaços de uma vida.
Essências do aprender, bases do saber, rascunhos do viver.
Assim é o Colégio, assim somos nós.
Mesclamos nossas existências porque
Fazemos parte da vida um do outro.
Ora porque formamos a história do Colégio, ora porque
ele nos ensinou a escrever a história um do outro.*

*(Tássia Massaia Lôndero,
ex-aluna do Colégio Centenário que
nomeia evento literário da escola)*

RESUMO

MEMÓRIA, CULTURA E PATRIMÔNIO NOS 100 ANOS DO COLÉGIO CENTENÁRIO: REGISTROS E ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS

AUTORA: Carina Batista Bohnert
ORIENTADORA: Fernanda Kieling Pedrazzi

Este trabalho apresenta um estudo sobre os elementos da memória, da cultura e do patrimônio em registros fotográficos do Colégio Centenário. Por meio deste, procura-se ressaltar a importância da composição, organização e manutenção do arquivo fotográfico do Colégio Centenário como forma de preservação do patrimônio cultural e salvaguarda das lembranças da Instituição para que se perpetuem ao longo dos anos. O Colégio teve todo seu acervo perdido após um sinistro com fogo em 2007. Embora continue em pleno funcionamento, se fez necessário organizar o patrimônio fotográfico de forma que contemplem as suas referências temporais, culturais e históricas, em especial as mais antigas. O Colégio Centenário é norteado por uma filosofia humanista que nasceu a partir do movimento metodista na Inglaterra. Ele foi fundado em 1922 por missionárias metodistas norte-americanas que através dos princípios da Igreja Metodista buscavam atender às exigências espirituais, intelectuais, culturais, sociais e materiais da sociedade. Entende-se que a reconstrução de um arquivo e posteriormente a produção de um catálogo seletivo irá dar visibilidade a sua presença como instituição histórica no centro do Rio Grande do Sul. Para a realização desse trabalho foram abordados referenciais pertinentes ao assunto, organização de acervo fotográfico como também uma metodologia voltada a pesquisa que se caracterizou como exploratória, descritiva e qualitativa. Através da revisão de literatura e do produto “Catálogo Seletivo: Colégio Centenário, uma história de 100 anos” que acompanha esta dissertação comprova-se que por meio da recomposição e organização do arquivo é possível rememorar principais momentos do Colégio Centenário enquanto patrimônio histórico e cultural por meio dos registros fotográficos.

Palavras-chave: Arquivo fotográfico. Patrimônio Cultural. Colégio Centenário. Preservação. Salvaguarda.

ABSTRACT

MEMORY, CULTURE AND HERITAGE IN THE 100 YEARS OF THE CENTENARY COLLEGE: PHOTOGRAPHIC RECORDS AND FILES

AUTHOR: Carina Batista Bohnert
ADVISOR: Fernanda Kieling Pedrazzi

This paper presents a study on the elements of memory, culture, and heritage in photographic records of Colégio Centenário. Through this, we seek to emphasize the importance of the composition, organization, and maintenance of Colégio Centenário's photographic archive as a way to preserve the cultural heritage and safekeep the memories of the institution over the years. The school lost all of its collections after a fire accident in 2007. Although still in full operation, it was necessary to organize the photographic heritage in such a way as to include its temporal, cultural, and historical references, especially the oldest ones. Colégio Centenário follows a humanist philosophy that was born in the Methodist movement in England. The school was founded in 1922, by American Methodist missionaries who, through the principles of the Methodist Church, sought to meet the spiritual, intellectual, cultural, social, and material demands of society. It is understood that the construction of an archive, and later the production of a selective catalog, will give visibility its presence as a historical institution in the center of Rio Grande do Sul. For that purpose, we approached archive organization as well as a research-oriented methodology that was characterized as exploratory, descriptive, and qualitative. The literature review proves that through the composition and organization of the archive it is possible to recall the main moments of Colégio Centenário as a historical and cultural heritage through the photographic records.

Keywords: Photographic archive. Cultural Heritage. Colégio Centenário. Preservation. Safeguard.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Miss Eunice Andrew, primeira diretora do Colégio Centenário	29
Fotografia 2 - Prédios do Colégio Centenário na década de 1940	30
Fotografia 3 - Fachada da Igreja Metodista Central	34
Fotografia 4 - Culto de formatura da Faculdade Metodista Centenário, na Igreja Metodista Central	35
Figura 1 - Peça criada para a campanha de doação de fotos	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Etapas da pesquisa.....	65
Quadro 2 - Resumo dos resultados da campanha de doação de fotos.....	69
Quadro 3 - Planilha com o total de fotos do acervo histórico, classificadas conforme datas e tipos das imagens.....	70

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	21
1.1	TEMA.....	22
1.2	PROBLEMA DE PESQUISA.....	23
1.3	PRESSUPOSTO	23
1.4	OBJETIVOS.....	23
1.4.1	Objetivo Geral	23
1.4.2	Objetivos Específicos	23
1.5	JUSTIFICATIVA.....	24
1.6	ESTRUTURA DA PESQUISA.....	24
2	HISTÓRICO DO COLÉGIO CENTENÁRIO NO CONTEXTO EDUCACIONAL METODISTA	27
2.1	O COLÉGIO CENTENÁRIO	27
2.2	A IGREJA METODISTA NO RIO GRANDE DO SUL E EM SANTA MARIA ..	33
2.3	O MOVIMENTO METODISTA E A EDUCAÇÃO METODISTA	35
2.3.1	A Educação e o Movimento Metodista no Brasil	39
2.3.2	A Educação e o Movimento Metodista no Rio Grande do Sul	40
3	REVISÃO DE LITERATURA	43
3.1	PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA SOCIAL.....	43
3.2	PATRIMÔNIO FOTOGRÁFICO	48
3.3	PATRIMÔNIO DOCUMENTAL E OS ARQUIVOS.....	55
3.3.1	Difusão dos Arquivos	58
4	METODOLOGIA	61
4.1	ABORDAGEM METODOLÓGICA	61
4.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	62
4.3	RECURSOS PARA A PESQUISA	64
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	67
6	CONCLUSÃO	73
	REFERÊNCIAS	79
	APÊNDICE A - TERMO DE DOAÇÃO E AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGENS FOTOGRÁFICAS	87
	APÊNDICE B – PRODUTO DE DISSERTAÇÃO: CATÁLOGO SELETIVO, COLÉGIO CENTENÁRIO – UMA HISTÓRIA DE 100 ANOS	89

1 INTRODUÇÃO

O patrimônio cultural é uma interligação entre diferentes indivíduos de uma mesma comunidade que busca a continuidade. Ele mantém viva as memórias, sejam elas de determinada época e local. A preservação do patrimônio e das lembranças faz com que a história se perpetue ao longo dos anos, legitimando a sua presença em determinado contexto de espaço e de tempo. Desta forma, tornam-se referências simbólicas da sociedade em relação ao cenário histórico no qual estão inseridas.

Como forma de preservação do patrimônio cultural, tem-se os arquivos de instituições públicas e privadas que são responsáveis por salvaguardar a informação objetivando a perpetuação da memória. É nesse contexto que foi idealizada a presente dissertação de Mestrado em Patrimônio Cultural, usando como objeto de estudo as fotografias do Colégio Centenário. Para tanto, foi realizada a pesquisa “Memória, cultura e patrimônio nos 100 anos do Colégio Centenário: registros e arquivos fotográficos”.

O Colégio Centenário é uma instituição de ensino fundada em 1922, em Santa Maria (RS), presente na história e cultura da cidade e da região. Também está presente no contexto da Igreja Metodista, que é uma instituição religiosa e histórica, que valoriza a educação através de uma proposta humanista.

A dissertação está voltada para o estudo desta instituição de ensino e da sua legitimação e evolução ao longo dos anos, por meio das fotografias enquanto bens patrimoniais, que são testemunhos dessa passagem do tempo. Nesse panorama de relevância educacional, observou-se que no Colégio Centenário era insuficiente a presença de acervo fotográfico que registrasse a sua presença nesse espaço de tempo. Institucionalmente haviam poucos registros de suas referências históricas, culturais e patrimoniais. Essa ausência de registros fotográficos deve-se ao fato de que o Colégio, em 2007, foi acometido por um incêndio que consumiu parte de sua estrutura, incluindo a perda total do museu onde estava o acervo com as fotografias históricas. Além das fotos, havia nesse espaço de memória peças de mobiliário, vestimentas e objetos que ajudavam a contar a sua história ao longo dos anos.

Ao aproximar-se da data de comemoração de seus 100 anos de atividades na área do ensino, e na ausência dessas referências temporais e históricas, e compreendendo a relevância patrimonial e cultural do Colégio Centenário, entendeu-

se que uma reunião de imagens de diversas proveniências e sistematização desses registros, e as memórias que evocam, se fazia necessário.

Entende-se que as informações de valor social do Colégio Centenário deveriam ser reorganizadas com o objetivo de beneficiar a sociedade através da suscitação das memórias relacionadas a sua história, as quais possibilitam a valorização da história e cultura local.

Sendo assim, por meio desta dissertação de Mestrado, foi realizado o estudo das memórias possíveis sobre o Colégio Centenário através de fotografias, entendendo-as, enquanto documentos e bens patrimoniais, capazes de contar parte de sua memória nesses quase 100 anos de sua história. Acredita-se que o estudo dos registros fotográficos permite contar a história a partir da perspectiva de que a fotografia tem um papel sócio transmissor de fixar a informação, transmitindo valor testemunhal e legitimatório.

Embora haja diferentes entendimentos sobre fotografia em outras áreas de estudo, neste trabalho será focada a sua condição enquanto documento, quando se destaca a sua função testemunhal. Dessa forma, a fotografia constitui-se como bem patrimonial, sendo a área de estudo desta pesquisa o patrimônio documental arquivístico.

Acompanhando esta dissertação, como resultado final do trabalho de sistematização das imagens fotográficas, foi organizado um Catálogo Seletivo de imagens, o qual será disponibilizado em formato *on-line* no *site* do Colégio Centenário e será usado como base para material institucional e comemorativo que contribuirá para recompor e rememorar a história dos 100 anos do Colégio, que alcançará esta marca em 2022.

Além disso, como parte das comemorações dos 100 anos, que envolverá atividades pedagógicas e institucionais, planeja-se realizar uma exposição fotográfica comemorativa ao centenário da Instituição.

1.1 TEMA

A contribuição dos arquivos fotográficos, enquanto fragmentos, para a recomposição da história visual do Colégio Centenário de Santa Maria (RS).

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Os arquivos possuem o papel de dar acesso às informações a partir do armazenamento das informações de significado testemunhal. Essas informações possuem valor público e social, legitimatório na construção e perpetuação da história de uma instituição. A partir dessa ideia, buscou-se contar a história da instituição Colégio Centenário usando as fotografias como suporte técnico e de valor testemunhal. Ainda se fez necessário a obtenção de imagens através da participação da comunidade para organização do acervo. Sendo assim, a pesquisa investiga: de que forma os arquivos fotográficos colaboram para o entendimento dos elementos da memória e cultura do Colégio Centenário?

1.3 PRESSUPOSTO

Tem-se como pressuposto de que as fotografias do Colégio Centenário transmitem informações de valor testemunhal e são carregadas de sentidos, representando recortes do real. Os elementos históricos, culturais, religiosos (entre outras expressões legitimatórias) estariam apresentadas nas imagens do Colégio com características do local, momentos e personagens.

1.4 OBJETIVOS

A seguir são apresentados os objetivos geral e específicos da pesquisa.

1.4.1 Objetivo Geral

Compreender os elementos da memória e da cultura do Colégio Centenário de Santa Maria (RS) a partir dos arquivos fotográficos.

1.4.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos da pesquisa são:

- a) realizar a identificação e digitalização das imagens fotográficas que constam no Colégio Centenário;

- b) realizar uma campanha de doação de registros fotográficos para ampliar o arquivo da instituição, fazendo a identificação e análise daqueles incorporados ao acervo;
- c) sistematizar as fotografias de forma temporal para que contem a passagem do tempo;
- d) elaborar um Catálogo Seletivo com fotografias do Colégio Centenário que ilustre sua trajetória histórica.

1.5 JUSTIFICATIVA

O presente estudo busca pesquisar e sistematizar os elementos da memória e da cultura envolvendo o Colégio Centenário em uma perspectiva de patrimônio cultural. Para tanto, pensa-se na organização de um acervo fotográfico, baseado em novas imagens digitais, que ajudem a reconstituir seu arquivo, perdido, em grande medida, em um incêndio, em 2007. Compreende-se a necessidade desse arquivo como algo relevante para a sociedade no âmbito de preservação da memória do Colégio e apresentação da sua história visual.

O estudo justifica-se ainda pela necessidade de ampliar o arquivo e contribuir para a promoção e difusão da história do Colégio Centenário, desses quase 100 anos desde a sua fundação, entendendo-se que isso é importante para a história local na perspectiva de retomar a memória da instituição.

Diante da presença do Colégio Centenário na história educacional e cultural da cidade de Santa Maria, e pelo interesse coletivo da comunidade centenarista, a autora, que trabalha na instituição há dez anos nas áreas de Comunicação e Marketing, e sabendo do envolvimento afetivo e sentimento de pertença desta comunidade, percebeu a necessidade de realizar uma recuperação dos registros fotográficos do Colégio, observando, dessa forma, o seu valor como patrimônio cultural.

1.6 ESTRUTURA DA PESQUISA

Como forma de atingir um melhor resultado e entendimento da pesquisa, o conteúdo da dissertação foi sistematizado em seis capítulos. No primeiro capítulo é apresentada a introdução com o tema, problema, apresentação dos objetivos e

justificativa. O segundo capítulo traz um histórico do Colégio Centenário no contexto educacional da Igreja Metodista, sendo este o pano de fundo da pesquisa uma vez que é o lugar onde os fatos, aqui levantados, através das imagens acontecem. No capítulo três é realizada uma revisão bibliográfica sobre patrimônio, fotografia, documento e organização de acervos para salvaguarda. Na sequência, o capítulo quatro, traz a metodologia utilizada. Em seguida, vem o capítulo cinco, com a análise dos resultados e das discussões, detalhando como a pesquisa foi realizada e as respostas obtidas. No capítulo seis é apresentada a conclusão da presente pesquisa. O produto, um Catálogo Seletivo intitulado “Colégio Centenário - Uma história de 100 anos”, é inserido em apêndice.

2 HISTÓRICO DO COLÉGIO CENTENÁRIO NO CONTEXTO EDUCACIONAL METODISTA

Este capítulo aborda a história do Colégio Centenário enquanto patrimônio cultural e o contexto educacional da Igreja Metodista, bem como, sobre sua representatividade diante à história de Santa Maria e à comunidade centenarista, perante sua identificação e sentimento de pertença.

Além disso, neste capítulo, será abordada a criação do metodismo, a sua introdução no Brasil e a contextualização da educação dentro desse panorama que envolve ainda cultura e religião.

2.1 O COLÉGIO CENTENÁRIO

As memórias a serem estudadas nesta pesquisa remetem à fundação do Colégio Centenário. Em 1922, a escola foi fundada pelas missionárias norte-americanas *Miss Eunice F. Andrew*, diretora e *Miss Louise Best*, vice-diretora. A Fundação do Colégio Centenário é fruto do trabalho da Igreja Metodista que buscava através das instituições de ensino atender às exigências espirituais, intelectuais, culturais, sociais e materiais da sociedade.

Assim, no longínquo 27 de março de 1922, nascia o Colégio Centenário sob direção de duas missionárias norte-americanas. E, desde então, por ele têm passado milhares de brasileiros que ali aprimoram o seu intelecto e seu caráter e muitos dos quais merecem hoje destaque em vários setores importantes da vida nacional e além-fronteiras. (LIEBLING, 1983, p. 16)

Os recursos para a instalação e construção do Colégio Centenário vieram, em parte, das celebrações do centenário das Missões da Igreja Metodista dos Estados Unidos, mediante esforço da sociedade de mulheres daquele país.

Muitos movimentos marcaram o centenário das Missões Metodistas, sendo este um dos fatores preponderantes para o nome da nova instituição de ensino que nascia em Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul: Centenário. O nome Colégio Centenário também se deve por 1922 ser o ano da comemoração do primeiro centenário da independência política do Brasil. Ambos os fatos foram determinantes na escolha do nome da escola que estava sendo inaugurada naquele ano na cidade de Santa Maria.

O Colégio Centenário que o texto desvenda é a soma de certezas, presentes desde sua fundação: - a confiança no poder criador e transformador dos homens, quando impulsionados por um ideal cristão e renovador; - a consciência da necessidade de investimento progressivo na educação, com vistas ao desenvolvimento do processo civilizatório, paralelo à dignidade e capacidade do ser humano; - a valorização incondicional da criatura humana e a fé nas suas realizações. (LIEBLING, 1983, p. 9)

O centenário das Missões Metodistas teve grande movimentação sendo que, naquele período, várias Igrejas Metodistas e instituições de ensino foram instaladas no Brasil.

Em 27 de março de 1922 o Colégio Centenário inaugurou suas atividades com sete alunos: cinco meninas e dois meninos. Das alunas, três eram também integrantes do internato da escola. Ao findar o ano, já eram 50 alunos compondo o corpo discente do Centenário, sendo que destes, 13 eram internos.

O Colégio Centenário iniciou suas atividades com a oferta de curso Normal, hoje correspondente ao curso de Magistério, em nível de Ensino Médio, sendo que a primeira turma composta por cinco alunas se formou em 1926. Essa turma teve o privilégio e o desafio de criar o lema da escola: “Educar a mente a pensar, o corpo a agir e o coração a sentir”. Este lema é presente até hoje na Instituição e é um norteador das ações educacionais. Também coube a essa turma a criação do modelo do anel de formatura por muitos anos usado pelas jovens professoras. Constituíam-se em uma joia com uma tocha em relevo rodeada com a abreviatura do lema.

Quando do início de suas atividades, o prédio que abrigava o novo educandário era um chalé de alvenaria, com amplo terreno ao lado esquerdo e um grande pomar aos fundos, conforme afirma Liebling (1983). Ainda no ano de sua fundação foi iniciado o projeto para o novo edifício, que recebeu o nome Eunice F. Andrew, fundadora e primeira diretora do educandário, função na qual ficou por 15 anos.

Assim, no dia 7 de setembro de 1922, foi virada a primeira pá de terra para posterior lançamento da pedra angular do Edifício Principal, obra imponente, construída pelo engenheiro norte-americano, Willey Clay, no mais adiantado estilo da época. (LIEBLING, 1983, p. 25)

Fotografia 1 - Miss Eunice Andrew, primeira diretora do Colégio Centenário



Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 1926.

De acordo com relatos, o chalé de alvenaria que abrigava o Colégio Centenário ficava localizado onde hoje encontra-se a passagem da rua do Acampamento, no Centro de Santa Maria (fechando a rua). Mais tarde o espaço foi desapropriado e a edificação derrubada para dar continuidade ao traçado da rua.

A arquitetura exuberante e diferenciada do prédio Eunice F. Andrew foi projetada pelo engenheiro norte-americano Willey Theodore Clay, no estilo colonial norte-americano. Este prédio deu origem ao estilo das duas edificações seguintes, o Edifício Dez de Novembro, de 1942, e o Edifício Elizabeth Lee, construído em 1951.

Sobre o estilo arquitetônico do edifício Eunice F. Andrew, os arquitetos e historiadores Luiz Gonzaga Binato de Almeida e José Antonio Brenner de Brenner, destacam:

Foi projetado nos Estados Unidos pelo engenheiro Willey T. Clay. Leva o nome de "Eunice F. Andrew", em homenagem à diretora dos primeiros quinze anos da instituição. Vários outros pavilhões foram incorporados ao primeiro, constituindo um complexo arquitetônico destacado na paisagem urbana e educacional da cidade. (SANTA MARIA, 2003, p. 124)

Fotografia 2 - Prédios do Colégio Centenário na década de 1940



Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 1943.

As cores características do Colégio Centenário foram escolhidas no dia de seu primeiro aniversário. Liebling (1983) relata que ao amanhecer do dia 27 de março de 1923, a então vice-diretora, *Miss Louise Best* preparou uma surpresa. Ao chegarem ao refeitório para o café da manhã as professoras, funcionárias e alunas residentes na casa se depararam com um bolo de aniversário com uma velinha acesa. O bolo foi colocado sobre uma mesa com toalha branca, ornamentada por galhos verdes, trazidos do jardim da Escola. As cores verde e branco foram entendidas como a “esperança” e a “pureza”, passando a serem as cores do Colégio, usadas até hoje pela Instituição.

A partir de 1946 o Colégio passou a oferecer os cursos Clássico e Científico. Ambos cursos correspondem ao Ensino Médio, nos dias de hoje. O Clássico era focado no estudo de Filosofia e Línguas, enquanto o Científico oferecia disciplinas relacionadas às Ciências e Exatas. Em 1958, a instituição foi reconhecida como de “Utilidade Pública Municipal” através da Lei Municipal nº 690, no governo de Vidal Castilhos Dania, então Prefeito de Santa Maria. No ano seguinte, em 1959, o Colégio é registrado no Ministério da Educação (MEC) sob o nº 1.349.

Em 1975, seguindo a legislação do País, e com o apoio do Concílio Geral da Igreja Metodista, é criado o Instituto Metodista Centenário, passando o Colégio Centenário a constituir uma unidade dessa instituição. No ano seguinte, em 1976, sob o Decreto nº 24.670 a instituição é declarada como de “Utilidade Pública Estadual”. No ano de 1998, a partir da ampliação de sua proposta educacional, além da Educação Básica (compreendida pela Educação Infantil, o Ensino Fundamental

obrigatório de nove anos e o Ensino Médio)¹, o Instituto Metodista Centenário passou a ofertar também o ensino superior através da Faculdade Metodista de Santa Maria (FAMES).

Na madrugada de 16 maio de 2007, durante uma tempestade que caía sobre a cidade de Santa Maria, o prédio histórico Eunice F. Andrew foi acometido por um incêndio. O sinistro danificou a estrutura em grandes proporções, causando perdas significativas, inviabilizando seu uso posteriormente a esta data.

Em 2019, como forma de retomada histórica e por verificação da identidade institucional e reconhecimento da comunidade perante a representatividade do nome “Centenário”, a unidade de ensino superior do Instituto Metodista Centenário muda seu nome. A partir de fevereiro do referido ano a FAMES passa a chamar-se Faculdade Metodista Centenário (FMC). Simbolicamente, a data escolhida para marcar a passagem do nome e lançamento da nova marca foi o dia 27 de março, alusivo à fundação da Instituição.

O Instituto Metodista Centenário, mantenedor do Colégio e da Faculdade Centenário, oferece em sua proposta educacional vários níveis de ensino. O Colégio Centenário contempla Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. A Faculdade Centenário oferece graduação, pós-graduação além de realizar diversos projetos e programas de extensão.

O Colégio Centenário cresceu em tamanho e em prestígio, em eficiência e em formas de serviço. [...] Não envelheceu; renovou-se, atualizou-se, porque ele é mais que material que corrói, é símbolo de um espírito que é imortal, que transcende ao tempo e ao espaço. (LIEBLING, 1983, p. 82)

Enquanto bem patrimonial, sob o Decreto Executivo nº 115², em 16 de dezembro de 2016, que “autoriza o Tombamento Definitivo de bens móveis e imóveis do Colégio Metodista Centenário”. No documento está previsto o tombamento da estrutura remanescente após o incêndio que atingiu o Edifício Eunice F. Andrew, construído em 1922; o Edifício Dez de Novembro, construído em 1942, com todos seus elementos arquitetônicos; o Auditório Alice Denison; o Edifício Elizabeth Lee, construído em 1951; a Capela Branca Lopes da Rosa, de 1960; o muro de pedra que

¹ Lei Nº 12.796 de 4 de abril de 2013, que altera a Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1 Acesso em: 16 jun. 2020.

² Site da Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria. Disponível em: <https://www.camara-sm.rs.gov.br/camara/proposicao/pesquisa/2016/1/0/14227> Acesso em: 16 jun. 2020.

circunda a escola; a fonte d'água chamada Recanto da Saudade; um relógio de pêndulos, denominado "Carrilhão Pedestal", de 1923; os pianos da Instituição, incluindo um piano de cauda, restaurado em 2017; e um sino que ficava localizado na parede lateral do Edifício Eunice F. Andrew.

Passados 11 anos desde que o Edifício Eunice F. Andrew foi acometido pelo incêndio, em 2018, a estrutura remanescente da edificação, que estava em estado de ruínas e apresentava riscos de queda, foi derrubada e o terreno terraplanado. No local, um novo prédio será erguido por uma construtora local. Os dois primeiros andares serão para uso do Colégio, seguindo a mesma metragem que tinha o antigo edifício. Os demais andares serão para uso residencial.

Quanto a estrutura física, atualmente a Instituição conserva as seguintes edificações:

- a) Edifício 10 de novembro – em homenagem a data de nascimento de *Miss Louise Best*, de 1942. Este prédio abriga salas de aula, laboratórios, departamentos administrativos, a Pastoral Universitária e Escolar, o Auditório Alice Denison, a Biblioteca Elisabeth Soares Coelhos e a Biblioteca Infante Juvenil, Fausta Monteblanco;
- b) Edifício Elizabeth Lee, de 1951. Neste edifício estão localizadas salas de aula e departamentos administrativos, incluindo a sala da Diretoria;
- c) Capela Branca Lopes da Rosa, de 1960;
- d) Edifício Herta Pulman Chagas, de 1972, que abriga a Educação Infantil em sua parte interna e o Núcleo de Práticas Jurídicas (NPJ) da Faculdade Metodista Centenário.
- e) Ginásio poliesportivo, que substitui um antigo pavilhão de madeira, onde eram realizadas as atividades esportivas. O início da construção foi em 1982 e a finalização em 1994. Devido a perda da estrutura do Edifício Eunice F. Andrew, e ampliação da Faculdade, na parte de baixo do Ginásio, que fica no nível da Avenida Nossa Senhora das Dores, estão localizados setores administrativos, incluindo a coordenação dos cursos de graduação, a Cátedra de Direitos Humanos, laboratórios e salas de aula.

Além das edificações, também é destaque no pátio da Instituição a fonte d'água Recanto da Saudade, que é adornada por uma área verde. A fonte foi restaurada em 1999, pela associação de ex-alunos e, em 2013 passou novamente por um processo e revitalização. O local possibilita um aconchegante espaço de convivência para os diversos públicos do Centenário.

O Colégio Centenário já teve 15 diretores, todos ligados à Igreja Metodista. Atualmente, o Colégio e a Faculdade Centenário são dirigidos pelo professor Walter Chalegre dos Santos³. O presente projeto, teve início e incentivo na gestão do professor Marcos Wesley da Silva⁴, tendo a atual direção dado total apoio à continuação do mesmo.

2.2 A IGREJA METODISTA NO RIO GRANDE DO SUL E EM SANTA MARIA

O trabalho evangélico da Igreja Metodista em Santa Maria (RS) remete oficialmente ao ano de 1901. Porém, antes disso, em 1875, o missionário João da Costa Correa, pregador da Igreja Metodista de Montevideo, fez uma incursão no Rio Grande do Sul iniciando reuniões e pregações do evangelho, incluindo a cidade de Santa Maria. Conforme o *site* da 2ª Região Eclesiástica da Igreja Metodista, ele visitou as cidades do Rio Grande do Sul em três ocasiões até, em 1885, fixar residência em Porto Alegre, iniciando naquele ano a instalação da Igreja Metodista no Rio Grande do Sul e o primeiro Colégio misto, o qual deu origem ao Colégio Americano.

Moraes (2017, p.4), sobre a chegada da Igreja Metodista no Rio Grande do Sul, afirma: “O estado tinha uma população cansada de ser espoliada e um romanismo aliançado com estas práticas, sedento da graça que liberta e dá sentido à vida”. Outros autores analisaram o momento da chegada do metodismo à cidade de Santa Maria de modo oficial.

O missionário, Rev. J. W. Price, visitando a cidade realizou com muito sucesso, uma conferência que de fato, assinalou o início verdadeiro do trabalho dessa denominação evangélica em Santa Maria. A referida conferência teve lugar no dia 10 de novembro de 1901.

No ano seguinte, o mesmo missionário, fixando residência na cidade, estabeleceu definitivamente o metodismo [...]. (BELÉM, 2000, p. 245)

Em 1905 o metodismo Gaúcho passa a ser parte da Igreja do Brasil. A partir de 1930, passa a integrar a 2ª Região Eclesiástica da Igreja Metodista, que naquela época, se estendia até Curitiba. Atualmente, a Igreja Metodista na 2ª Região

³ O professor Walter Chalegre dos Santos assumiu a direção do Colégio Centenário e da Faculdade Centenário em maio de 2019.

⁴ O professor Marcos Wesley da Silva exerceu a função de Diretor do Colégio Centenário no período de julho de 2017 a abril de 2019, da Faculdade Centenário de junho de 2016 a abril de 2019.

Eclesiástica localiza-se geograficamente apenas no Rio Grande do Sul, com um total de 11 distritos⁵.

Fotografia 3 - Fachada da Igreja Metodista Central



Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2019.

A Igreja Metodista possui em atividade na cidade de Santa Maria três templos: Igreja Metodista Central⁶ (Fotografia 3), Igreja Metodista Bom Pastor⁷ e Igreja Metodista do Itararé⁸, além da congregação da Vila Noal⁹ que é ligada à Igreja Central,

⁵ Distrito Porto Alegre;
Distrito Metropolitano (composto pelas cidades: Canoas, Esteio, Sapucaia do Sul, Osório e Alvorada);
Distrito da Serra (composto pelas cidades: Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi, Gramado e Portão);
Distrito do Centro (composto pelas cidades: Santa Maria, Cachoeira do Sul e Rio Pardo);
Distrito do Planalto (composto pelas cidades: Passo Fundo, Carazinho, Soledade e Erechim);
Distrito Missões I (composto pelas cidades: Cruz Alta, Panambi, Ibirubá e Ijuí);
Distrito Missões II (composto pelas cidades: Campina das Missões, Porto Lucena, Santo Ângelo e Santa Rosa);
Distrito Alto Uruguai (composto pelas cidades: Constantina, Palmeira das Missões e Palmitinho);
Distrito Fronteira I (composto pelas cidades: Uruguaiana, Alegrete, Itaqui e São Borja);
Distrito Fronteira II (composto pelas cidades: Santa do Livramento, Quaraí, Rosário do Sul e São Gabriel);
Distrito Missionário Sul (composto pelas cidades: Pelotas, Rio Grande e Chuí).

⁶ Igreja Metodista Central - Rua Tuiuti, 2033 (esquina com a Rua do Acampamento), Bairro Centro.

⁷ Igreja Metodista Bom Pastor - Rua Castro Alves, 170, Bairro Perpétuo Socorro.

⁸ Igreja Metodista Itararé - Rua Otavio Rocha, 129, Bairro Itararé.

⁹ Congregação da Vila Noal - Rua Samuel Kruschim, 331, Vila Noal – Bairro Patronato.

a qual realiza um trabalho social naquela comunidade. Também possui uma capela no Colégio Centenário, desativada desde o sinistro do Edifício Eunice F. Andrew. O primeiro templo construído foi a Igreja Metodista Central (Fotografia 4), com data de fundação de 1922.

Fotografia 4 - Culto de formatura da Faculdade Metodista Centenário, na Igreja Metodista Central



Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2019.

No mesmo ano também houve a fundação do Colégio Centenário. No local são realizadas as celebrações religiosas do Colégio e da Faculdade Centenário.

2.3 O MOVIMENTO METODISTA E A EDUCAÇÃO METODISTA

Heitzenrater (2016) apresenta que o metodismo começou na Inglaterra, no século XVIII, a partir da experiência de fé de um jovem pastor anglicano chamado John Wesley. Quando era estudante da Universidade de Oxford, Wesley foi um dos líderes de um grupo de cristãos, chamado "Clube dos Santos", que se reunia regularmente com o objetivo de aperfeiçoar sua vida espiritual. Por causa de seus hábitos metódicos de estudo e oração, os estudantes acabaram sendo apelidados de "metodistas".

Em 1738, Wesley sentiu-se chamado a renovar a Igreja Anglicana e a sociedade em que vivia, buscando a vivência de santidade individual e social. A

mensagem de conversão individual e transformação da sociedade fez o movimento metodista crescer na Inglaterra e resultou na fundação da Igreja Metodista.

O metodismo, nos seus primeiríssimos passos, não é apresentado como resultado das iniciativas de uns poucos indivíduos iluminados, mas como o fruto da caminhada de um povo “o povo chamado metodista” como se dizia no século 18. Trata-se de um movimento eclesial dinâmico, participativo, leigo, missionário, sensível aos sinais dos tempos e às dores de uma época conturbada, tanto quanto fiel à revelação e aos propósitos de Deus na história. (HEITZENRATER, 2016, p. IX)

A Igreja Metodista foi fundada só anos mais tarde da atuação do movimento metodista. Foi fundada sob o nome Igreja Metodista Episcopal, em 1784, nos Estados Unidos, já após a morte de John Wesley. Seus fundadores foram pregadores do movimento metodista. Meio século depois de sua fundação, a Igreja Metodista já era a maior igreja protestante do continente norte-americano.

Os missionários, que fundaram a Igreja Metodista acreditavam que eram mensageiros da salvação, no sentido religioso e material, sendo que o progresso da civilização americana levaria benefícios aos povos cristianizados, não-protestantes. Dessa forma, conforme destaca Novaes (2003), seriam os norte-americanos o “povo escolhido por Deus para implantar uma alta civilização cristã, dentro dos princípios da liberdade e democracia, e espalhá-la pelo mundo começando pelo continente americano – América Central e América do Sul”. Foi nessa perspectiva que os missionários metodistas chegaram até o Brasil.

A educação sempre foi parte das preocupações sociais do movimento metodista. Isso foi perceptível desde sua fundação na Universidade de Oxford. John Wesley, a partir do momento que chegou para estudar nesta universidade e posteriormente lecionar, foi muito influenciado pelo ambiente acadêmico. A partir dessa experiência, Novaes (2003) afirma que foi possível reunir “disciplina metódica e espiritualidade, racionalidade e emocionalidade, ciência e religião”.

O metodismo esteve presente no século XVIII na reforma social da Inglaterra, incluindo o período da Revolução Industrial. As mudanças que a Revolução Industrial trouxe para a vida dos trabalhadores ingleses repercutiu diretamente no pensamento de John Wesley, principalmente no que diz respeito à evangelização dos trabalhadores.

John Wesley foi influenciado pela Revolução Industrial e adequou seu pensamento ao momento histórico. As transformações que ocorreram nas formas de produção do século XVIII repercutiram em todas as áreas sociais, entre elas a religião. Wesley foi um dos primeiros a estruturar seus ensinamentos de acordo com as necessidades que o mundo fabril apresentava. (ZIOLI, 2015, p. 42)

Ainda, pode-se afirmar que a educação foi uma das principais preocupações de Wesley e do movimento metodista.

A educação foi uma das principais áreas de atuação de John Wesley. Ele e seus seguidores criaram escolas para meninos, escolas para moças, livros informativos e participaram dos principais movimentos educacionais da Inglaterra no século XVIII. Wesley considerava a educação uma ferramenta para a salvação, por meio dela seria possível corrigir o que ele denominava a 'enfermidade da vontade', o que ocasionava a degeneração humana. Esses ensinamentos contribuíram para educar a classe trabalhadora inglesa para o mundo do trabalho, ensinar nos púlpitos, nas reuniões das sociedades metodistas, nas pregações ao ar livre, nas músicas, nos jornais metodistas e livros uma ética adequada às necessidades do mundo fabril. (ZIOLI, 2015, p. 101)

Através da sua ética, o movimento metodista agiu contra o crime e a imoralidade, em caridade aos pobres e aos enfermos, na abolição da escravidão e na reforma educacional. Dessa forma, inspirou atividades filantrópicas e humanitárias que resultaram na fundação de instituições de caridade pelos discípulos de John Wesley.

O Metodismo não era uma religião somente da burguesia, mas também do proletariado. Tanto sua organização como sua doutrina serviam aos dois propósitos. No caso da burguesia, funcionava como um estímulo ideológico para a acumulação de capital. A máxima econômica do Metodismo era: ganhe tudo o que puder, economize tudo o que puder e dê tudo o que puder, pois quanto mais ganhar, mais crescerá em graça e mais tesouros terá acumulado no céu.

No caso do proletariado, o Metodismo exerceu importante papel ao construir uma disciplina de trabalho necessária ao novo sistema fabril. Era uma religião que confortava os pobres na sua miséria e no seu sofrimento. (NOVAES, 2003, p. 110)

O movimento metodista, religioso e educativo, tinha como proposta reformar a Igreja e a Educação. Conforme destaca Novaes (2003, p.112), "viria a construir escolas que seriam capelas e capelas que seriam escolas".

Observa-se que os metodistas possuíam preocupações com os problemas sociais da Inglaterra de seu tempo e atribuíam a pobreza e a miséria à ignorância do povo, buscando a solução dos problemas sociais pela salvação do povo e eliminação do analfabetismo. Também entendiam que para servir a Deus era preciso ser

alfabetizado para poder ler as sagradas escrituras. Dessa forma, Wesley via uma relação entre a educação e a confessionalidade, sendo o analfabetismo um empecilho para a vida cristã.

O sucesso do movimento wesleyano na Inglaterra está diretamente ligado à doutrina da perfeição. Ela gerou os elementos responsáveis pela expansão do Metodismo, ou seja, aqueles que se adequaram às necessidades sociais do surgimento do mundo industrial, tais como obediência, disciplina, abnegação, sacrifício e esforço. Esses elementos, juntamente com sua simplicidade, que facilitava a compreensão da massa, seu caráter prático e sua compensação emocional, foram o motivo do êxito do movimento. (ZIOLI, 2015, p. 67 e 68)

O primeiro prédio construído pelo movimento metodista foi em *Kingswood* e servia de escola para os filhos dos mineiros das minas de carvão como também para lugar de culto. A escola foi construída a partir de um estudo de John Wesley sobre o sistema educacional inglês. Na avaliação de Wesley, o sistema possuía vários equívocos relacionados à localização das escolas, currículos ineficientes e falhas no ensino religioso. Dessa forma, o movimento metodista, preocupado com a educação dos pobres, fundou em 1740 a *Kingswood School*.

Tinha essa escola um currículo bastante exigente e dele constavam as seguintes disciplinas: leitura, caligrafia, aritmética, inglês, francês, latim, grego, hebraico, história, geografia, cronologia, retórica, lógica, ética, geometria, álgebra, física e música. (NOVAES, 2003, p. 112 e 113).

Essa nova filosofia educacional da *Kingswood School* foi o marco inicial da educação metodista.

Wesley fez de *Kingswood* um dos seus principais projetos, para onde direcionou recursos financeiros e tempo na tentativa de criar o que ele considerava ser o modelo perfeito de escola. Em *Kingswood* é possível ver as teorias religiosas e educacionais de John Wesley em prática, especialmente a ideia de restauração da vontade humana, a busca pela perfeição, a fusão da religião à educação [...]. Se alguma das obras de Wesley sintetizou o ideal metodista como um todo, essa foi a escola em *Kingswood*. (ZIOLI, 2015, p. 89)

A educação metodista foi a propulsora de diversos sistemas de educação. Através dos projetos missionários, chegou a diversas regiões do planeta, inclusive ao Brasil.

O movimento wesleyano não foi uma ‘reação’ nem mesmo uma ‘Revolução’. Foi antes de tudo, um movimento reformador e educativo, preocupado em transmitir uma nova visão de mundo e formar um novo senso comum. (PERI, 1990, p. 2 *apud* NOVAES, 2003, p. 114)

Foi esse pensamento visionário, que valorizava a educação, a garantia de sucesso do movimento metodista. Um movimento que proporcionou uma nova visão de mundo e novas práticas educacionais e religiosas.

2.3.1 A Educação e o Movimento Metodista no Brasil

O metodismo no Brasil começou no Rio de Janeiro, em 1835, e perdurou até 1841. Pelos próximos 25 anos ficou parada a obra metodista em terra brasileira. Em 1867 os metodistas retornam ao Brasil, datando de 1871 a organização da primeira Igreja Metodista no Brasil, no estado de São Paulo. Em 1881 foi fundado o primeiro Colégio Metodista, o Piracicabano, em Piracicaba, sendo este considerado o marco das atividades educacionais da Igreja Metodista no Brasil. Fonseca (2009, p. 77) destaca que “O projeto pedagógico metodista buscava articular um modelo de ensino que garantisse o rigor científico sem abrir mão das questões de fé”.

O trabalho missionário no Brasil Império foi iniciado no século XIX, mais precisamente no ano de 1874, fruto do trabalho dos missionários norte-americanos. Estes, movidos pela crença de terem sido escolhidos por Deus para proclamarem a verdade, tendo como base uma grande confiança na nação norte-americana, e na superioridade de seu povo em relação aos demais, vieram para o Brasil assim como a outros países da América, trazendo a evangelização e a educação, uma vez que se evangelizava e educava para civilizar.

Por causa desse caráter experimental, o movimento metodista wesleyano ficou conhecido como um reavivamento e caracterizou-se pela intensificação da doutrina da fé, da graça e da santificação. Em todos os lugares onde o Metodismo se envolveu, houve significativas mudanças no contexto religioso, como comoção popular, entusiasmo e radicalismo, o que contribuiu para gerar a ideia de um reavivamento. Essa, provavelmente, era também a melhor definição de seu movimento religioso [...]. (ZIOLI, 2015, p. 56)

O Brasil, desde os primórdios da sua colonização, recebeu contínua influência cultural, absorvendo a partir das suas elites intelectuais ideologias originárias de sociedades hegemônicas. Essa abertura às diferentes culturas foi receptiva a entrada

do metodismo que chegou até aqui no período considerado de transição entre o Império e a República.

Entendendo a educação como elemento formador dos indivíduos, e estando atrelada à cidadania, esta era vista como imprescindível para a formação dos cidadãos. Valorizando a ciência e a cultura letrada, mesmo que de forma embrionária, ela conseguia mostrar as razões do atraso da sociedade brasileira, apresentando as soluções. Além disso, com a implantação da República no Brasil, havia uma exigência quanto à alfabetização para a participação das elites na política, sendo a educação considerada um elemento norteador nesse processo de evolução da sociedade brasileira.

A educação metodista chegou ao Brasil em 1876, com as ações evangelizadoras dos missionários norte-americanos, marcando a prática eclesial e o serviço à sociedade. Conforme Ribeiro e Weber (2012) com a Constituição Republicana de 1891 o estado foi declarado laico, propiciando a implantação de escolas confessionais: “A liberdade de culto propiciou a implementação de escolas confessionais de diferentes credos no Brasil, o que, do ponto de vista educacional, possibilitou também a instalação de escolas de orientação protestante no país, essas impedidas durante o Império” (RIBEIRO; WEBER, 2012, p. 321 e 322).

Corroborando com as ideias apresentadas, traz-se Novaes:

Os colégios inseriram-se nas camadas médias da população brasileira e as escolas paroquiais, gratuitas ou com taxas baixas, buscavam atender as populações carentes, bem como o Instituto Central do Povo no Rio de Janeiro, então capital da República, fundado em 1910.

No solo brasileiro, ávido de inovações, a educação protestante floresceu não por imposição, mas por aquiescência e a pedido das elites ansiosas pelo ‘progresso’. (NOVAES, 2003, p. 122)

Sendo assim, é possível constatar que a maioria das escolas que se consolidaram aqui foram criadas no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Neste período, a Igreja Metodista se tornava autônoma em relação à Igreja Metodista Episcopal nos Estados Unidos.

2.3.2 A Educação e o Movimento Metodista no Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul o metodismo chegou em 1875. Diferentemente das outras partes do Brasil (que veio por meio de missionários norte-americanos), neste

estado chegou por meio de missionários do Uruguai, da Igreja Metodista de Montevideo. Isso deve-se ao fato das dificuldades de transporte terrestre e comunicação entre as regiões do Brasil, naquela época.

Em 1885 o missionário uruguaio João da Costa Correa, acompanhado da esposa e de uma professora, fixa, definitivamente, residência em Porto Alegre, fundando a primeira sociedade metodista do estado e o primeiro Colégio.

Os missionários e as missionárias que vieram para o Rio Grande do Sul encontraram uma população pobre e analfabeta, desenvolveram um ministério que enfatizou a alfabetização, para leitura da Bíblia e outras boas obras. (MORAES, 2017, s.p)

Moraes (2017) ainda destaca que os templos da Igreja Metodista construídos entre 1910 e 1930 eram localizados em cidades que passavam a linha férrea. Sendo muitos desses templos usados para outras finalidades além do que as religiosas, como por exemplo alfabetização, cuidados da saúde e profissionalização.

Ainda conforme Moraes (2017), foi em 1905 que o metodismo gaúcho se tornou parte da Igreja Metodista do Brasil. A data que marca a autonomia da Igreja Metodista do Brasil é dois de setembro de 1930. Até esse momento, as igrejas e instituições educacionais aqui presentes estavam ligadas à Igreja Metodista dos Estados Unidos.

Fonseca (2009), relata que os Colégios Metodistas instalados no Rio Grande do Sul foram criados na fase de expansão educacional da Igreja. Esses Colégios são: Americano, em Porto Alegre; Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista (Ipa), também em Porto Alegre, sendo atualmente Centro Universitário; União, em Uruguaiana; Educacional, em Passo Fundo; e Centenário, em Santa Maria.

A educação pode ser vista como uma área de forte atuação do metodismo no Rio Grande do Sul e isso é destacado em Betts (2000).

Em 1910, além do Colégio Evangélico Misto, iniciado em 1885, em Porto Alegre, e o Colégio União de Uruguaiana, que passou para a Igreja Metodista em 1908, haviam mais seis Escolas Paroquiais, com uma matrícula conjunta de quinhentos alunos. (BETTS, 2000, s.p.)

As Escolas Paroquiais funcionaram em nível primário nos primeiros 100 anos do metodismo gaúcho. Porém, o grande impulso da Educação Metodista no Rio Grande do Sul veio em comemoração ao centenário das Missões Metodistas dos Estados Unidos e do centenário da Independência do Brasil, ocasionado o surgimento de mais três escolas de nível regional: o Instituto Ginásial de Passo Fundo, em 1919;

o Colégio Centenário em Santa Maria, em 1922; e o Instituto Porto Alegre, em 1923. Estes educandários mantinham nível de internato para atender os alunos oriundos de localidades onde não havia secundário, sendo, muitos desses alunos, provenientes das Escolas Paroquiais.

Betts (2000) destaca sobre a decorrência das Escolas Paroquiais:

1. Escassez de escolas públicas, geralmente com limitação de alunos;
2. Escolas particulares dirigidas por padres ou freiras, não eram simpatizantes de elementos relacionados com 'protestantes';
3. Prover educação aos filhos de famílias da Igreja, bem como abrir oportunidade para outras crianças que do contrário não teriam acesso a educação. (BETTS, 2000, s.p.)

A finalização das atividades das Escolas Paroquiais aconteceu devido a organização do Ministério da Educação e Saúde Pública, nos anos de 1930, durante o Governo de Getúlio Vargas. A partir da criação do Ministério, o ensino público ganhou amplitude, aumentando o número de escolas e vagas e, conseqüentemente, diminuindo a necessidade de Escolas Paroquiais. Além disso, nesse mesmo período houve o surgimento da legislação trabalhista tornando-se mais dispendioso e mais difícil a manutenção das escolas paroquiais e fazendo com que muitas encerrassem as suas atividades.

Além da Educação Metodista presente por meio das escolas, a preocupação com a preparação religiosa dos metodistas fez com que junto ao Instituto Porto Alegre funcionasse uma Escola Bíblica e uma Faculdade de Teologia. Esta, em 1938, uniu-se a Faculdade de Teologia do Instituto Metodista Granbery de Juiz de Fora, Minas Gerais, para formar a Faculdade de Teologia da Igreja Metodista do Brasil, atualmente com sede em São Bernardo do Campo, São Paulo, sendo responsável por formar os pastores e pastoras que atuam nas Igrejas Metodistas do Brasil.

Com isso, observa-se que no Rio Grande do Sul o metodismo seguiu os princípios existentes desde sua fundação. Muito além de ser um movimento religioso, foi um movimento educacional que transformou a sociedade.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, será realizada uma revisão de literatura sobre patrimônio cultural, memória, fotografia, documento e organização de acervos para salvaguarda e difusão. Em relação à questão documental, será feita uma exposição sobre o patrimônio histórico e cultural, patrimônio documental arquivístico, patrimônio fotográfico, acervos, destacando as nuances que envolvem fotografia e memórias no estudo.

3.1 PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA SOCIAL

O patrimônio é compreendido como a produção histórico-social da humanidade. É um lugar de memória; algo que é herdado e passado de geração para geração. Entende-se que o patrimônio está constantemente em processo de evolução através da perpetuação dos bens históricos e culturais. Sendo assim, o patrimônio cultural possui uma ação de inter-relação entre o passado e o presente através dos valores que lhe são atribuídos.

O patrimônio cultural é representado pelos objetos materiais e imateriais, além das memórias que são relevantes para a conservação e legitimação da história de determinado povo. Ele interliga o passado, o presente e o futuro sendo a história real, que reflete a evolução da sociedade através da preservação de bens materiais e imateriais, fomentando uma relação de herança e identidade.

O patrimônio em todas as suas formas é o resultado das ações humanas legadas para as próximas gerações, sejam elas objetivadas em edifícios ou um conjunto urbano de caráter histórico, seja na forma imaterial, objetivada nas tradições, formas de fazer, de construir artefatos ou instrumentos musicais, de produzir alimentos, de pinturas corporais e outras manifestações. (MELO; CARDOZO, 2015, p. 1063)

Entende-se o patrimônio como forma humana, de expressão da vida social no tempo e no espaço. Bellotto (2014), abordando sobre patrimônio cultural, preservação e memória afirma que:

A preservação do patrimônio cultural significa a preservação da memória de toda uma sociedade que tenha produzido e acumulado aquele patrimônio, que é a soma de todos os saberes, fazeres, comportamentos e experiências que a partir dos seus objetos, registros e produtos concretos, foram produzidos no evoluir da sociedade. (BELLOTTO, 2014, p. 135)

No Brasil, as primeiras normatizações sobre patrimônio histórico aconteceram pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Esse foi considerado o momento inicial da dinamização das políticas públicas de cultura no país.

Chamamos de Política Cultural, o programa de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas ações simbólicas. Definição conceitual fundada em ações práticas, o que pode ser melhor entendido como sendo o conjunto de iniciativas, tomadas por esses agentes, visando promover a produção, a distribuição e o uso da cultura, a preservação e divulgação do patrimônio e o ordenamento do aparelho pôr elas responsável. (SILVA, 2005, s.p.)

O patrimônio é visto como base de toda a proposta de desenvolvimento, um capital presente de valor para a identidade, cultura, educação e turismo de determinado local. Por isso, deve ser reconhecido pela comunidade a qual pertence para ter seu potencial aproveitado.

Pode-se então entender que o patrimônio possui uma natureza comunitária. Ele nasce a partir de um grupo ou de uma comunidade que compartilha memórias em comum de um passado, que precisa ser preservado para um presente e um futuro. É uma interligação de diferentes indivíduos em uma mesma comunidade que busca a continuidade. Dessa forma, entende-se que esses grupos possuem uma identidade social e para que qualquer processo de desenvolvimento de um patrimônio, por exemplo, seja levado adiante, essa identidade deve ser considerada.

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele. (HALBWACHS, 2003, p. 51)

Partindo da ideia de desenvolvimento local, o patrimônio a ser conservado deve ser funcional e deve ser usado para alguma finalidade. Para reconhecimento, enquanto bem patrimonial é necessário perceber o sentido daquele patrimônio em questão.

O reconhecimento do bem patrimonial remete a memórias que se manifestam no que Candau (2014, p.160) chama de “patrimonialização generalizada da sociedade”. O autor também fala que a história do patrimônio é a história da “construção do sentido de identidade” (CANDAU, 2014, p. 159).

Nesse sentido, a sensibilidade patrimonial cresceu ao mesmo tempo em que as sociedades começaram a passar por transformações aceleradas e começaram a temer o esquecimento e a perda das referências. Portanto, Candau (2014, p.163) conclui que: “a elaboração do patrimônio segue o movimento das memórias e acompanha a construção das identidades”.

A fotografia é um objeto de preservação da memória. A partir dela, um fragmento selecionado do real é fixado por meio da câmera fotográfica. Essa imagem torna-se um testemunho do passado.

Segundo Kossoy, o uso da fotografia enquanto documento e sua apreciação são exercícios para reviver o passado. É usando essa relação que as fotografias se constituem em patrimônio.

Quando se fala em movimento das memórias e construção das identidades, as fotografias suscitam uma série de construções imaginárias, capazes de fortalecer a identidade de determinado sujeito, no contexto com a memória de seu grupo. Relacionando a isso, Kossoy (2016, p. 135 e 136) discorre sobre a fotografia como “objeto simbólico da memória pessoal das personagens anônimas da história”.

Ainda seguindo o mesmo autor, as suas ideias corroboram com o que foi afirmado:

A partir do conteúdo documental que encerram, as fotografias que retratam diferentes aspectos da vida passada de um país são importantes para os estudos históricos concernentes às mais diferentes áreas do conhecimento. Essas fontes fotográficas, submetidas a um prévio exame técnico-iconeográfico e interpretativo, prestam-se definitivamente para a recuperação das informações. (KOSSOY, 2001, p. 55)

Relacionando as fotografias com a memória, pode-se dizer que elas são fonte histórica ao revelar as relações do presente com o passado. Corroborando com isso, observa-se a fotografia como um meio capaz de suscitar as memórias, para isso será usada uma citação de Michelin e Tavares (2008, p. 13), quando afirmam que “esquecer é humano e lembrar é fotográfico”.

As lembranças, suscitadas por meio das fotografias podem ser chamadas de memória social. Isso deve-se ao fato que as fotografias são dinâmicas, capazes de transmitir por meio de suas narrativas uma série de sentimentos e lembranças comuns.

As histórias sociais, lembradas por meio das fotografias, possibilitam o resgate da memória visual e do seu entorno sociocultural. Essas imagens são instrumentos de pesquisa e interpretação de determinado contexto ou fato social.

A identidade de um grupo é construída de acordo com os costumes daquele coletivo, estando acessível a todos que pertencem e fazendo com que eles sejam atores e sujeitos do futuro. Dessa forma, conforme destaca Varine (2012), uma ação patrimonial essencialmente é uma ação cultural. Nesse sentido, tem-se os bens culturais, que são os costumes, ou as práticas do grupo.

O Bem Cultural, conforme Guedes e Maio (2016) o descrevem no Dicionário do Patrimônio Cultural, organizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural (IPHAN), é visto como “aquele bem que deve ser protegido, em virtude de seu valor e de sua representatividade para determinada sociedade”.

Permeando essa afirmação, observa-se que o patrimônio está por toda parte, sendo um dos principais recursos de desenvolvimento local. Ele não está separado da vida quotidiana, dessa forma, busca-se na tradição, na memória e na identidade apoio para enfrentar o futuro e perpetuar a história. Por isso, afirma-se que história e memória possuem uma relação de conhecimento do passado.

Corroborando com as ideias presentes no Dicionário especializado, Choay (2006) define a expressão com um verbete:

Patrimônio histórico. A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes *savoir-faire* dos seres humanos. (CHOAY, 2006, p. 11)

Ao tratar desses temas, refere-se também à identidade e ao pertencimento. Este último, pode ser entendido como envolvimento de um grupo que se sente parte de uma coletividade, destacando-se por características culturais. Para essa coletividade, a história é uma forma de relacionamento do presente com o passado, possibilitando trocas entre tempo e espaço. Nesse contexto, o passado é um processo real que determina o presente.

Pollak (1992) trata a memória como um fenômeno individual e subjetivo, podendo ser também coletivo e social, submetido às transformações.

Quais são, portanto, os elementos construtivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de 'vividos por tabela', ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade a qual a pessoa sente pertencer. (POLLAK, 1992, p. 201)

Além disso, pode haver um fenômeno de socialização política ou histórica, no qual há projeção e identificação com o passado por grupos que não necessariamente tenham feito parte daquele momento. A esse fenômeno Pollak (1992, p. 204) chama de "memória herdada". Nesse caso, ele afirma que há transferência de projeções, havendo uma ligação fenomenológica entre memória e o sentimento de identidade e pertencimento a um coletivo. Essa memória identitária se faz importante no sentido de continuidade de um grupo.

Portanto, entende-se que a memória é socialmente construída e que quando se remete à memória, pode ser usada a história oral como fonte. Essas histórias são fontes narrativas, com um caráter subjetivo, que está intimamente ligada à história do sujeito que faz a narração. "A construção da narrativa revela um grande empenho na relação do relator com a sua história", afirma Portelli (1997, p. 31).

É por meio desses testemunhos, de pessoas que estiveram próximas à época ou aos fatos em que as fotos foram realizadas, que personagens das fotografias do passado poderão se tornar conhecidos. Através do cruzamento das informações fotográficas com as narrativas é que os processos que geraram a fonte histórica podem ser elucidados e trazidos ao conhecimento como patrimônio cultural.

Mencionando a história, remete-se à memória que pode ser entendida como um fenômeno social. Halbwachs (2003, p.31) afirma sobre memória: "recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação" [..].

Com isso, observa-se que a memória se encontra em aportes que possibilitam refletir sobre as diversas fontes testemunhais. As memórias individual e coletiva possuem referências relacionadas às vivências e às experiências dos sujeitos e grupos, sendo a memória força de identidade.

Para que os fatos passados se constituam como lembranças é necessário que haja uma relação afetiva entre os integrantes do grupo. E que os conforma essencialmente como grupo, é um interesse, uma ordem de ideias e preocupações, que sem dúvida se particularizam e refletem em certa medida as personalidades de seus membros. (MICHELON; TAVARES, 2008, p. 105)

Elementos de memória e fatos materiais, que se traduzem em patrimônio material e imaterial, estão presentes na constituição das lembranças dos grupos. Esses bens patrimoniais são responsáveis pelos elos dessa coletividade, capazes de deixar marcas específicas na identidade daqueles que fazem parte.

É na manutenção das lembranças do grupo que a memória é perpetuada. Com isso, observa-se que objetos e acervos fotográficos são fundamentais, na mesma medida que alguns personagens são fundamentais para divulgar tais conhecimentos.

Dessa forma, o patrimônio cultural é entendido como a representatividade de um grupo ou comunidade que busca a continuidade. Isso acontece de forma organizada através da conservação de memórias para a perpetuação da identidade daquele bem patrimonial em determinado contexto de espaço e tempo, sendo referências simbólicas no enquadramento histórico que estão inseridos.

3.2 PATRIMÔNIO FOTOGRÁFICO

Inicialmente, a fotografia é um objeto que contém uma imagem. Para além disso, a fotografia é uma forma de sistematização da memória que fixa a informação a partir de um fragmento selecionado do real, segundo o olhar de seu autor, o fotógrafo.

[...] a fotografia tem sido aceita e utilizada como prova definitiva, ‘testemunho da verdade’ do fato ou dos fatos. Graças a sua natureza físicoquímica – e hoje também eletrônica – de registrar aspectos (selecionados) do real, tal como estes de fato se parecem, a fotografia ganhou elevado *status* e credibilidade. (KOSSOY, 2016, p. 21)

Enquanto bem patrimonial, entende-se a fotografia como um registro documental capaz de fazer com que memórias sejam perpetuadas. Ela é testemunho daquilo que está sendo mostrado na cena que se refere ao passado. Corroborando com a ideia, Kossoy afirma:

Toda a fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho. (KOSSOY, 2001, p. 50)

A fotografia carrega memórias. Ela é uma fonte histórica multidisciplinar que oferece contribuição para que a informação seja construída. Por meio da fotografia é

possível contar a história, através das memórias que são geradas pelas imagens. “Na sua origem, a fotografia constituiu-se sobre uma questão temporal, em cuja superfície, a imobilidade passou a traduzir a perspectiva de uma visão possível e autenticada do passado” (MICHELON; TAVARES, 2008, p. 10).

Entende-se a fotografia como um sócio-transmissor, uma vez que ela consolida a informação de forma que os receptores, em condições sociais propícias, consigam entender. “A fotografia ocupa um papel de crescente relevância em diferentes operações culturais, ainda aparece como algo moderno e geralmente cria um poderoso vínculo social quando exposto” (PENA, 2020, p.15, tradução nossa).

Kossoy, quando trata de fotografia, também observa que ela se refere ao passado, a um momento que foi vivido.

A fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado, lembrança imutável de um certo momento e situação, de uma certa luz, de um determinado tema, absolutamente congelado contra a marcha do tempo. (KOSSOY, 2016, p. 136)

Entendendo a fotografia como um objeto que traduz momentos em cenas, as quais ficam eternizadas, concorda-se com Sontag que vê a imagem fotográfica também como prova de eventos vividos. A autora refere que “[...] uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer, mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que estava na imagem (SONTAG, 2004, p. 16).

Do ponto de vista etimológico, a palavra fotografia é composta pelo prefixo “foto”, que significa luz com o sufixo “grafia”, que quer dizer desenho ou escrita. Dessa forma, fotografia significa desenhar ou escrever com luz. Isso deve-se ao fato que nos primórdios da invenção da fotografia, o processo técnico fotográfico era realizado por meio do registro de uma imagem através da ação da luz sobre determinada superfície, que era revestida por uma camada de sais de prata sensíveis a luz.

Historicamente, a fotografia surgiu por volta da metade século XIX. Mas foi a partir do século XX que houve uma ampliação do uso de registros fotográficos. Kossoy (2001, p. 27) afirma que foi neste momento que o mundo se tornou portátil e ilustrado, proporcionando que a história ganhasse um “novo documento”.

Meneses (1998, p.32), afirma que “os objetos materiais têm uma trajetória, uma biografia”. Isso acontece também com a fotografia, que é um veículo da memória uma

vez que possui uma história, um sentido na imagem ali presente. Nesse contexto, a fotografia pode ser vista como um objeto.

O objeto histórico se caracteriza, quaisquer que sejam seus atributos intrínsecos, por sentido prévio e imutável que o impregna, derivado, não desses atributos, mas de contaminação externa com alguma realidade transcendental. (MENESES, 1998, p. 93)

Vigil (2012, p. 26, tradução nossa) afirma que a fotografia é uma mensagem em um suporte. Por isso, pode ser um documento ou uma obra de arte, constituindo-se em patrimônio devido ao seu valor artístico, informativo e documental, relacionado também as áreas das ciências humanas e sociais. Além disso, o autor também cita a fotografia como um documento fotográfico a partir da mensagem que está expressa na imagem, uma vez que o receptor fará uma leitura específica, mas também imaginativa, de acordo com as suas referências.

Michelon e Tavares (2008) entendem a fotografia como um documento de informação.

Sobressai na fotografia, em especial aquela que apresenta ou à qual é atribuída a condição documental, a informação. Fato e imagem, causa e efeito, em fotografia, equivalem sob o ponto de vista da informação, dado o fato de que o registro confunde-se com o registrado. Assim, a fotografia mostra e afirma o mostrado, operando como uma prova de tempo e do espaço no qual se inscreveu o registro. (MICHELON; TAVARES, 2008, p. 12)

Para Rodriguez (2014), a imagem, no caso a fotografia, é uma memória visual com representações sociais. O autor ressalta ao abordar sobre a imagem, que “tem despertado a reflexão de historiadores, que a partir de diferentes perspectivas nos fornecem elementos teóricos e metodológicos para a análise da imagem e representações sociais” (RODRIGUEZ, 2014, p.73, tradução nossa).

Kossoy (2016) entende a imagem fotográfica, seja ela analógica ou digital, como um documento. “A imagem fotográfica fornece provas, indícios, funciona sempre como documento iconográfico acerca de uma dada realidade. Trata-se de um testemunho que contém evidências sobre algo” (KOSSOY, 2016, p. 33).

Observando a ideia de representação social da fotografia, é citada Gisele Freund (1999), por meio de Vigil (2012):

Giséle Freund definiu a fotografia como um meio de expressão da sociedade, estabelecida na civilização tecnológica, com poder de reproduzir exatamente a realidade externa. Essa representação da vida, objetos, tipos, paisagens ou monumentos, é a chave para sua representação social. (VIGIL, 2012, p. 26).

Enquanto fonte histórica, a imagem congelada da fotografia, se constituiu em fonte documental sendo um instrumento de fixação da memória dos fatos. Isso deve-se ao motivo de que o espaço e o tempo que são representados no documento fotográfico pressupõem um contexto histórico em sua especificidade relacionadas aos seus mais diversos desdobramentos.

Kossoy (2016) afirma que independente do seu conteúdo, as imagens são fontes históricas, que não se esgotam em si mesmas, funcionando como ponto de partida para desvendar o passado. “Elas nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram (estética/ideologicamente) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência” (KOSSOY, 2016, p.23).

Hartog (2006, p. 266) afirma que as fotografias, ao se tornarem públicas e acessíveis, deixam de estar na “história-memória para entrar em uma história-patrimônio”. Além disso, as fotos, seguindo a ideia do autor, são a proteção do futuro e também a preservação do presente. “Nós gostaríamos de preparar, a partir de hoje, o museu de amanhã e reunir os arquivos de hoje como se fossem ontem, tomados que estamos entre a amnésia e a vontade de nada esquecer” (HARTOG, 2006, p. 271).

Ainda falando sobre fotografia e memória, Kossoy (2016) fala dos estímulos que as imagens fotográficas causam, principalmente no que se refere ao processo de recriação.

Algumas imagens nos levam a rememorar, outras a moldar nosso comportamento; ou a consumir algum produto ou serviço; ou a formar conceitos ou reafirmar pré-conceitos que temos sobre determinados assuntos; outras despertam fantasias e desejos. (KOSSOY, 2016, p. 45)

Oliveira (2008, p. 114) sobre a sucessão e interligação existente entre patrimônio, memória e identidade, reafirma as ideias lançadas por Hartog, afirmando que “ao falarmos de patrimônio estamos lidando com história, memória e identidade, conceitos inter-relacionados cujos conteúdos são definidos e modificados ao longo do tempo”.

Sendo a fotografia um objeto de memória, esta instiga o imaginário e o sentimento de pertencimento com o objeto em questão representado por meio da imagem. Alinhado com essa ideia, Kossoy afirma:

A imagem fotográfica é o relê que aciona nossa imaginação para dentro de um mundo representado (tangível ou intangível), fixo na sua condição de registro documental do mundo visível, do aparente, porém moldável de acordo com nossas imagens mentais, nossas fantasias e ambições, nossos conhecimentos e ansiedades, nossas realidades e nossas ficções. (KOSSOY, 2016, p. 47)

Entende-se que a fotografia se configura em um documento social uma vez que está presente na vida em comunidade com a intenção de fazer visível uma representação da realidade por meio do registro de um momento concreto. A fotografia é, portanto, um produto social e histórico. Enquanto documento, organizado em acervo e seguindo as regras arquivísticas, serve como testemunho comprobatório, portanto, é documento de arquivo.

Foi na virada para o século XX que a fotografia começou a fazer parte dos acervos, entendendo o objeto também como um documento, uma vez que a imagem fotográfica traz informações de conteúdo.

As fotografias nos arquivos são suportes de valor testemunhal, capazes de auxiliar no entendimento do tempo e na passagem deste. Elas funcionam como um suporte físico que emitem um elemento atestatório, sendo essa a sua condição enquanto documentos. “A atribuição documental, no caso da fotografia está de todo relacionada com seu caráter informativo, formado pelas relações intra-icônicas da imagem” (MICHELON; TAVARES, 2008, p. 11).

Dessa forma, pode-se fazer uma relação do acervo fotográfico com os museus, tendo em vista que ambos são lugares de memória. Além disso, muitas vezes os museus também são locais de salvaguarda de acervos fotográficos.

Os museus, tanto os de ontem quanto os de hoje, são um espaço privilegiado de poder e de memória. Onde há museus, há poder e onde há poder, há a construção de memória, ou seja, há esquecimento e lembrança – operações que como se sabe, são complementares. [...] O exercício do poder constitui ‘lugares de memória’ que, por sua vez, passaram a ser dotados de poder. (OLIVEIRA, 2008, p. 146)

Sobre os museus, Varine (2012) os vê à serviço do desenvolvimento, sendo estes instrumentos de pesquisa, de conservação e de educação para a ciência, a cultura e as artes. Eles, enquanto instrumentos de educação e de mobilização, estão

à serviço do desenvolvimento local. Como missão dos museus, está a de apresentar e conservar elementos do patrimônio. Esse conceito é claramente aplicável aos acervos fotográficos, uma vez que estes também são instrumentos de pesquisas e preservação e, além disso, as imagens fotográficas despertam reações e sentimentos enquanto testemunhos da história.

Reconhecer por imagens, ao contrário, é ligar a imagem (vista ou evocada) de um objeto a outras imagens que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro, é reencontrar as ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos ou sentimentos. (HALBWACHS, 2003, p. 54)

Pode-se inferir, também, que as fontes fotográficas atuam como material interdisciplinar de comunicação e de patrimônio histórico e cultural. Isso deve-se ao fato das memórias que são carregadas por aqueles que são sujeitos do processo.

[...] quando as imagens se fundem muito estreitamente com as lembranças e parecem tomar sua substância emprestada a estas, é porque a nossa memória não estava como uma *tabula rasa*, e nós nos sentíamos capazes de nelas distinguir, por nossas próprias forças, como num espelho turvo, alguns traços e alguns contornos (talvez ilusórios) que a imagem do passado nos trazia. (HALBWACHS, 2003, p. 32)

Segundo Luca e Pinsky, a fotografia no século XX foi vista como símbolo da modernidade e absorvida pelas sociedades tradicionais que usaram esse recurso como instrumento de atualização. Sendo assim, vê-se a fotografia como um elemento de documentação do conteúdo ali registrado.

Utilizar as fontes fotográficas para a pesquisa histórica, portanto, significa inicialmente entender que tamanha diversidade de usos gerou arquivos e coleções que podem ser encontrados não somente em instituições de guarda (arquivos, museus, bibliotecas etc.), mas também nos seus locais de origem de produção ou no final do caminho de sua circulação. (LUCA; PINSKY, 2013, p. 34)

Entende-se que a fotografia enquanto documento é a materialização de uma realidade presente no momento que a foto foi feita. É o testemunho de um determinado momento, sendo o suporte material de uma imagem, a qual envolve expressão e conteúdo. Expressão através das escolhas técnicas e estéticas; conteúdo por meio daquilo que compõe a imagem: pessoas, objetos, lugares e vivências. São esses dois processos que dão sentido à fotografia.

Também se observa que a fotografia é uma fonte histórica, sendo testemunho de um passado que já foi presente. “A memória pode ser facilmente resgatada por meio das imagens, tendo-se a clara noção de passagens do tempo” (PEDRAZZI; SCHIO, 2018, p.43).

As fontes históricas fotográficas constituem um patrimônio documental, sendo que “um documento é aquilo que ‘documenta’ ou ‘registra’ algo com um propósito intelectual deliberado” (EDMONDSON, 2002, p.10).

Ainda segundo Edmondson (2002):

Considera-se habitualmente que o patrimônio documental se armazena em museus, arquivos e bibliotecas [...]. O patrimônio pode encontrar-se sob a custódia e no contexto de diferentes marcos sociais e comunitários, e esse contexto pode condicionar a sobrevivência, a segurança e a acessibilidade do patrimônio. (EDMONDSON, 2002, p.12)

Um patrimônio fotográfico é um patrimônio documental e, por sua vez, é um patrimônio cultural. A fotografia é uma fonte histórica que representa o recorte de um momento real. Ela torna-se importante para a sociedade pois é elemento de representação de uma realidade determinada e identificada por um grupo que possui referências para isso, tornando-se em um bem patrimonial.

Trata-se da realidade do documento, da representação: uma *segunda realidade*, construída, codificada, sedutora em sua montagem, em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas que é, todavia, o elo material do tempo e do espaço representado, pista decisiva para desvendarmos o passado. (KOSSOY, 2016, p. 34)

Dessa forma, a fotografia constitui-se como um bem patrimonial uma vez que trabalha com as memórias e identidade de determinada coletividade, em determinado contexto de tempo e espaço, sendo que na fotografia a imagem é usada como um instrumento de documentação daquilo que está ali representado.

Patrimônio fotográfico é, em última análise, a ideia geral de organização, guarda, preservação e possível divulgação de acervos fotográficos pessoais e institucionais e sua importância social, artística, histórica ou documental dos conjuntos de registros fotográficos de um grupo cultural, seja do tamanho que for. (LIMA, 2017, s.p.)

Observa-se que a fotografia é um fragmento congelado da realidade, sendo um documento de memória. Como documento, é fonte de informação; enquanto memória,

estimula as lembranças e reconstituição de fatos transcorridos, conduzindo à imaginação de um passado que é convocado a estar presente.

Com isso, entende-se que a fotografia como documento faz parte do patrimônio histórico e, conseqüentemente, é um dos pilares de pesquisa social. Valorizar o patrimônio fotográfico é valorizar uma ferramenta social de registro e compreensão. Essa ferramenta representa uma realidade local e temporal importante no contexto de patrimonialização.

Conclui-se este subcapítulo concordando com Cornelsen, Vieira e Silva (2012, tradução nossa) que afirmam que as fotografias possuem a capacidade exata de congelar momentos no tempo. Sobre isso entende-se que elas dão suporte à memória coletiva, representando a identidade de um grupo. Por isso merecem lugar especial para a sua guarda, em acervo, por ser testemunho da história, sendo bens patrimoniais.

3.3 PATRIMÔNIO DOCUMENTAL E OS ARQUIVOS

Como forma de preservação do patrimônio documental, histórico e cultural, tem-se os arquivos de instituições públicas e privadas que são responsáveis por salvaguardar a informação objetivando a proteção da memória. Sobre “documento” entende-se que é qualquer informação fixada em um suporte. Já “arquivo”, é compreendido como um conjunto de documentos.

Para melhor expressar a definição de arquivo e entender sobre o que é documento, serão usadas as palavras de Camargo:

Em sua acepção clássica, arquivo é o conjunto de documentos que, independentemente da natureza ou do suporte, são reunidos por processo de acumulação ao longo das atividades de pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas, e conservados em decorrência de seu valor. (CAMARGO, 2016, s.p.)

Os arquivos podem ser públicos ou privados, sendo que os arquivos privados são aqueles que estão sob custódia de instituições não-governamentais. “A documentação de caráter privado pode dizer respeito a acervos de pessoas, famílias, grupos de interesse (militantes políticos, instituições, clubes, etc.) ou de empresas” (PINSKY, 2014, p. 42).

Os arquivos são bens patrimoniais uma vez que abrigam um conjunto de materiais de importância histórica e cultural, referentes à identidade e à memória de diferentes grupos e sociedades. Dessa forma, identifica-se um vínculo indissociável entre os documentos e os arquivos, sendo estes entendidos como bens patrimoniais.

Conforme o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, editado pelo Arquivo Nacional (2005, p. 130), o patrimônio arquivístico é definido como o: “[...] conjunto dos arquivos de valor permanente, público ou privados, existentes no âmbito de uma nação, de um estado ou de um município”. Neste sentido, observa-se a importância dos arquivos para documentação histórica.

De acordo com Bellotto (2004, p. 42) os arquivos: “surgem, pois, por motivos funcionais administrativos e legais. Tratam sobretudo de provar, de testemunhar alguma coisa”. Corroborando com a autora, são nos arquivos que a documentação histórica e testemunhal fica armazenada, cujos documentos possuem valor atestatório de uma época ou atividade.

Seguindo a ideia de que nos arquivos os documentos são testemunhais e constituem-se como provas, Malverdes e Lopez indicam que:

No arquivo, o documento é entendido como testemunho de uma atividade e que seu objetivo principal é constituir provas das atividades de seu titular. O arquivo pode e deve disponibilizar informações para usuários em geral, todavia, como consequência direta de outro objetivo que é a difusão dos documentos pelo seu valor secundário, seja informativo, histórico ou cultural. (MALVERDES; LOPEZ, 2017, p. 30)

Ainda abordando sobre documentação e arquivos, é preciso entender que a significação de cada peça se dá dentro do conjunto do acervo. Camargo (2016) esclarece que

O significado pleno de cada documento só se evidencia através do vínculo mantido com os outros documentos do mesmo arquivo e que o fundamental é entender o arquivo como conjunto indissolúvel de documentos necessariamente unidos entre si. (CAMARGO, 2016, s.p.)

Com o objetivo de atestar a passagem do tempo, e como elemento para a história e memória do povo, a fotografia é vista como fonte de reconstrução dos fatos, possibilitando que as memórias sejam preservadas para gerações futuras por meio dos acervos fotográficos.

A fotografia é reconhecida como patrimônio documental devido a transmissão de aspectos históricos, econômicos e sociais nela representados. É a representação

de padrões e acontecimentos culturais, que são informativos no entendimento do contexto social.

Quanto à sua utilização, é correto dizer que imagens fotográficas de outras épocas na medida que identificadas e analisadas objetiva e sistematicamente a partir de metodologias adequadas se constituem em fontes insubstituíveis para a reconstituição histórica dos cenários, das memórias de vida (individual e coletivas) de fatos do passado centenário como do mais recente [...]. (OLIVEIRA; TAMBARA, s/a, p.3)

É por meio das imagens, dos textos e dos objetos culturais que fazem parte de um arquivo que a memória cultural toma significado, dentro de um novo sentido que é observado através do momento atual. Isso acontece também com a fotografia, quando utilizada enquanto documento.

[...] são as imagens documentos insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado. Seus conteúdos, entretanto, jamais deverão ser entendidos como meras “ilustrações ao texto”. As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou. (KOSSOY, 2001, p. 32)

Os acervos fotográficos acumulam documentos diversos que possuem como objetivo a guarda de materiais que podem compreender fotos (impressas e digitalizadas), negativos, cartões postais, *slides* entre outros. Os acervos fotográficos fazem parte do patrimônio documental, e podem estar sob custódia de arquivos, museus e bibliotecas visando constituir a documentação histórica.

Dessa forma, pode-se concluir que é através das propriedades arquivísticas que a memória cultural tem a sua existência. Também se entende que não há história sem documentos e que a memória vive porque ela se constrói de uma trajetória do presente para o passado. Nessa perspectiva os arquivos são vistos com grande importância, pois possibilitam a transição do tempo na busca das lembranças. Sobre o que já não é no agora,

[...] esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. (CHOAY, 2006, p. 18)

Kossoy (2016) defende que historicamente, o papel ideológico da fotografia é de instrumento de comprovação documental por meio dos arquivos e das memórias, que possibilitam a reconstituição histórica. Além disso as fotografias servem de testemunhos do tempo, onde paisagens, monumentos, edificações, bem como registros da vida cotidiana de determinada época permanecem gravados na memória.

Todos sabemos que imagens fotográficas de outras épocas, na medida em que identificadas e analisadas objetiva e sistematicamente a partir de metodologias adequadas, se constituirão em fontes insubstituíveis para a reconstituição histórica dos cenários, das memórias de vida (individuais e coletivas), dos fatos passados. (KOSSOY, 2016, p. 132 e 133)

Corroborando com a ideia de que os arquivos são ferramentas de preservação, Santos e Flores (2015, p.54) afirmam que “preservar os documentos arquivísticos é preservar o conhecimento registrado”.

Com isso, entende-se que os arquivos atuam como instrumentos de proteção do patrimônio e, a partir de políticas de preservação, garantem a conservação dos bens de interesse cultural e histórico. Sendo a fotografia uma transmissora da memória, um arquivo fotográfico legitima através das imagens, que são sócio-transmissoras, a permanência do patrimônio no espaço de tempo e a perpetuação por gerações futuras.

3.3.1 Difusão dos Arquivos

Posterior à etapa de organização de um arquivo, recorre-se à difusão que é a disseminação e publicização das atividades dos arquivos. Ela é entendida como uma atividade que divulga o arquivo, voltada ao fomento da pesquisa, ao aumento no número de usuários, aos serviços prestados e ao conteúdo das informações. É por meio da difusão que o arquivo se torna público.

Com as publicações, o arquivo pode, por outro lado, atrair novos usuários e fazê-los compreender o que é e o que representa. Isso porque, além dos instrumentos de pesquisa – inegável forma de possibilitar o acesso direto do pesquisador ao documento primário -, um arquivo público pode produzir outro gênero de publicações que o tornem também centro de vivência e de inter-relações culturais, tanto quanto um laboratório de pesquisa histórica. São os manuais, as edições de textos, as monografias de caráter histórico, os catálogos seletivos, as edições comemorativas. (BELLOTTO, 2004, p. 229 - 230)

Bellotto (2004) também destaca que a partir da difusão do acervo, sendo possível ocorrer de várias as maneiras, pode ser estimulada a doação de documentos para complementar os acervos. Essa difusão pode ser educativa, editorial, cultural e digital ou eletrônica, que se dá por meio da utilização de recursos de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's).

Como difusão cultural entende-se a atividade que transcende a instituição e chega ao conhecimento do público destinado. Já a difusão digital acontece por meios tecnológicos que são usados para disseminar a informação.

A difusão digital, comparada com outros suportes de difusão, possui menor necessidade de recursos financeiros. Além disso, como utiliza o suporte eletrônico, o alcance é maior, impactando dessa forma, um maior número de pessoas em um menor tempo. Nesse sentido, o suporte tecnológico torna-se um excelente recurso, na medida que possibilita a difusão cultural, com custo relativamente baixo, porém com grande abrangência e penetração nos diversos públicos possíveis (potenciais).

Com a difusão dos acervos, é possível angariar outros subsídios para investigação e complementação do arquivo em questão. Esse tipo de ação deve ser realizado inclusive com relações ao patrimônio fotográfico e pode acontecer de diversas maneiras, que contemplam exposições, divulgações em veículos de comunicação, internet, entre outros.

Através da difusão dos arquivos é possibilitada a Educação Patrimonial. A Educação Patrimonial resulta da ação humana em sociedade sobre o bem patrimonial. Isso reforça a cultura, a história e a memória social.

Para compreender a importância da Educação Patrimonial, por meio da difusão dos arquivos Fratini (2009) afirma que

A educação patrimonial pode contribuir de forma muito relevante para a democratização da cultura e ao acesso à informação, para a incorporação do patrimônio por toda a sociedade – não somente por alguns -, e para a formação de cidadãos capazes de se reconhecer como parte desse patrimônio histórico-cultural. (FRATINI, 2009, s.p.)

Por meio da difusão dos arquivos e da Educação Patrimonial é possível a formação de cidadãos conscientes que são capazes de reconhecer a importância dos documentos históricos para a sociedade. Além disso, há a possibilidade de fazer com que seja compreendida a importância da preservação do documento como prova histórica. Para isso, faz-se necessário o planejamento de ações para transformar a

relação da sociedade com os arquivos, principalmente com as gerações mais jovens para que essas conheçam e valorizem a história e a cultura.

Com isso, entende-se que a fotografia é objeto e tema de pesquisa, além de ser também um objeto de memória a qual possibilita ações de lembranças e de conhecimento de diferentes histórias de terminados e grupos e sociedades.

É por meio dos acervos que a guarda das imagens fotográficas é feita, e através da difusão dos arquivos as histórias se tornam públicas e acessíveis, fazendo com que o patrimônio se perpetue pelas memórias de pessoas de diferentes épocas e se torne conhecido e valorizado.

Sobre o produto final, Catálogo Seletivo Fotográfico, entende-se como um instrumento que agrupa documentos que versam sobre o mesmo assunto. Paes (2004, p. 136) define Catálogo Seletivo como: "Instrumento de pesquisa elaborado segundo um critério temático, cronológico, onomástico ou geográfico, incluindo todos os documentos, pertencentes a um ou mais fundos, descritos de forma sumária ou pormenorizada".

Bellotto (2004, p. 202) corrobora escrevendo que "É o instrumento que descreve unitariamente as peças documentais de uma série ou mais séries, ou ainda de um conjunto de documentos, respeitada ou não a ordem de classificação". Seguindo essas linhas, para organização do Catálogo Seletivo uma temática principal precisa ser definida, de forma que agrupe todas as imagens selecionados dentro desse assunto.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo são apresentados metodologicamente os procedimentos escolhidos para serem aplicados nesta pesquisa. Também é realizado o detalhamento das etapas e os objetivos da pesquisa e será explanado sobre a abordagem metodológica, os procedimentos e os recursos utilizados na pesquisa.

4.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

O objetivo da presente pesquisa é compreender os elementos da memória e da cultura do Colégio Centenário de Santa Maria (RS) a partir de registros e arquivos fotográficos. Sendo assim, a pesquisa é classificada como exploratória, descritiva e qualitativa. Exploratória pois proporcionou uma maior aproximação com o problema; descritiva ao detalhar sobre as imagens fotográficas estudadas e qualitativa pois está relacionada ao caráter subjetivo dos objetos estudados.

A pesquisa é entendida como exploratória no sentido que visa proporcionar uma maior familiaridade com o problema, tornando-o mais claro. Nessa linha, foi realizado um levantamento de dados sobre as fotografias do Colégio Centenário e sua identificação enquanto patrimônio cultural.

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. (GIL, 2002, p. 41)

Além disso, também como pesquisa exploratória, conta com levantamento bibliográfico, levantamento histórico, levantamento documental, além de entrevistas com pessoas que tiveram experiências com o objeto de pesquisa. As entrevistas, funcionam como uma ferramenta de investigação, as quais possibilitam uma maior proximidade com o objeto de estudo. Por meio do entrevistado, fatos subjetivos daquele grupo estudado são trazidos à luz, possibilitando o aprofundamento da pesquisa. Estas entrevistas foram sistematizadas previamente com poucas questões, e fluíram de maneira mais aprofundada conforme o diálogo ia sendo estabelecido.

A pesquisa também é identificada como descritiva pois, descreve sobre a realidade do arquivo da instituição estudada.

As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, empresas comerciais, partidos políticos etc. Geralmente assumem a forma de levantamento, [...]. (GIL, 2002, p. 42)

Por último, se classifica como qualitativa por destacar o caráter subjetivo dos objetos estudados, focando nas particularidades deles e por contar com a participação de sujeitos externos ao arquivo que contribuirão para a explanação no que tange a realidade e ao entendimento das fotografias.

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. (SILVA, 2005, p. 20)

Ainda, enquanto pesquisa exploratória, contará com um levantamento bibliográfico. Conforme Marconi (2010), a pesquisa bibliográfica acontece quando são utilizados materiais escritos. Dessa forma, vários autores, entre artigos e bibliografias.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, monografias, teses, material cartográfico, etc. [...]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto. (MARCONI, 2010, p. 57)

Dentro da pesquisa bibliografia foram lidos conteúdos relacionados ao patrimônio histórico e cultural, memória, documentação e fotografia, sendo estes os conteúdos principais abordados na presente dissertação.

4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os processos metodológicos do presente trabalho, que visam atingir os objetivos específicos da pesquisa, foram divididos em 6 etapas. Inicialmente, um levantamento da bibliografia e aprofundamento do estado da arte é realizado com autores que serviram como base para a exploração da pesquisa. Posteriormente, foi realizado o estudo e a análise do arquivo do Colégio Centenário, no sentido de identificar o material disponível e sistematizar as ações futuras, as quais envolveram digitalização e organização.

Sabendo-se que o material existente na instituição não estava sistematizado, buscou-se o apoio via Projeto de Extensão¹⁰ da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), por meio do curso de Arquivologia, para a organização, digitalização do acervo e salvaguarda. O projeto de extensão denominado "Reconstituição do patrimônio fotográfico do Colégio Centenário de Santa Maria (RS)" está atrelado ao projeto de pesquisa "Memória, cultura e Patrimônio nos 100 anos do Colégio Centenário: registros e arquivos fotográficos", sendo que sua ação extensionista objetivou reconstituir o acervo fotográfico do Colégio Centenário de Santa Maria (RS) organizando-o e salvaguardando-o de forma digital.

Observando-se que o número de fotografias era bastante reduzido, foi pensada uma campanha de doação de fotos, de forma que ampliassem o acervo do Centenário, possibilitando contar a passagem do tempo e legitimação da história da Instituição. Como forma de entender essa passagem do tempo e compreender as memórias documentadas pelas fotografias, entrevistas foram realizadas com pessoas que conhecem e vivenciaram a presença do Colégio Centenário no espaço de tempo estudado, que compreende desde a sua fundação em 1922 até a finalização dessa pesquisa, no primeiro semestre de 2020.

A próxima etapa visou sistematizar as fotografias de forma temporal para que ilustrassem a memória da instituição estudada. Essa fase demandou de uma análise minuciosa do acervo e dos registros fotográficos, contando inclusive, com a avaliação da conservação desses registros.

Após essa fase, foi estruturado um Catálogo Seletivo Fotográfico, inicialmente eletrônico, e que tem o intuito de sistematizar a passagem histórica do Colégio Centenário. Através do material são relatados os fatos e acontecimentos importantes dessa passagem de tempo, com as imagens ilustrando a contagem histórica do Colégio Centenário. O catálogo ficará disponível no *site* institucional. Posteriormente, havendo interesse da instituição, o material poderá ser impresso.

Usando como princípio a fonte oral para transcrição das histórias presentes nas imagens do acervo para serem aplicadas no Catálogo, as quais não são documentadas de forma escrita, houve a captura de entrevistas com diferentes

¹⁰ Projeto de Extensão "Reconstituição do Patrimônio Fotográfico do Colégio Centenário de Santa Maria (RS)", registrado sob o número 051203, coordenado pela professora Fernanda Kieling Pedrazzi, com a participação da Mestranda em Patrimônio Cultural Carina Batista Bohnert e da bolsista acadêmica do curso de Arquivologia Milena Balbuena Matoso.

peessoas. Além disso, também se vale da história oral para entender memórias relacionadas ao Colégio Centenário com o intuito de buscar lembranças que fizeram parte da vida dos narradores.

[...] a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico. (PORTELLI, 1997, p. 33)

As informações a partir dos relatos da história oral são resultado de um projeto compartilhado entre entrevistador e entrevistado. Dessa forma, as relações pessoais são de suma importância para o sucesso do relato histórico. Nesse sentido, o entrevistado atua como narrador, passando a ser um personagem a contar a história na qual ele é parte.

Memória e história conjugam-se também para conferir identidade a quem recorda. Cada ser humano pode ser identificado pelo conjunto de suas memórias: embora estas sejam sempre sociais, um determinado conjunto de memória só pode pertencer a uma única pessoa. Somente a memória possui as faculdades de separar o eu dos outros, de recuperar acontecimentos, pessoas, tempos, relações, sentimentos, e de conferir-lhes significado; por isso, sua ausência, a amnésia necessariamente conduz à perda de identidade. (AMADO, 1995, p. 132)

A história oral é concebida através de memórias sociais. Essas memórias são imbuídas em uma tradição semelhante a outras memórias, de outras pessoas que também fizeram parte do mesmo contexto.

Observa-se que é a partir da junção de vários procedimentos metodológicos que a presente pesquisa toma forma e alcançou os objetivos propostos.

4.3 RECURSOS PARA A PESQUISA

Nesta etapa são esmiuçados o planejamento e a execução do projeto, abrangendo recursos humanos, recursos financeiros e cronograma da pesquisa.

Nos recursos humanos, conta-se com a autora e a orientadora. Na organização do acervo, há o suporte de uma aluna bolsista do curso de Arquivologia/CCSH/UFSM.

Em relação a criação gráfica da peça de divulgação para a campanha de reunião de novas imagens e a criação gráfica do Catálogo Seletivo, foi realizada por

um auxiliar de comunicação do Instituto Metodista Centenário sob orientação e supervisão da autora da pesquisa.

Quanto aos recursos financeiros utilizados para pesquisa resultaram em pagamento da bolsa para a aluna do curso de Arquivologia que realizou o projeto de extensão de organização e digitalização do acervo fotográfico.

A pesquisa teve início em março de 2018, no primeiro ano com a orientação da professora Dra. Rosanara Pacheco Urbanetto e a partir de 18 de dezembro de 2018 sob a orientação da professora Dra. Fernanda Kieling Pedrazzi. Os prazos de execução e as etapas para alcançar os objetivos estão disponíveis no Quadro 1.

Quadro 1 - Etapas da pesquisa

Atividade	1º sem. de 2018	2º sem. de 2018	1º sem. de 2019	2º sem. de 2019	1º sem. de 2020
Revisão do projeto					
Revisão de literatura					
Análise dos registros fotográficos					
Campanha de arrecadação de imagens					
Qualificação de Mestrado					
Aplicação de entrevistas direcionadas					
Análise dos dados					
Elaboração do produto					
Divulgação do catálogo seletivo					
Apresentação dos resultados					
Defesa da dissertação de mestrado					

Fonte: Autora, 2020.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico e documental sobre o Colégio Centenário. Este, foi contextualizado dentro da Igreja Metodista, oriunda do Movimento Metodista. A partir disso, foi contextualizado sobre o Metodismo no Brasil e no Rio Grande do Sul, no âmbito educacional e religioso.

Na sequência, foi estudado sobre patrimônio e memória, englobando as nuances do patrimônio fotográfico. Com esse procedimento inicial dando aporte, foi possível cumprir com o primeiro objetivo específico que visava identificar as imagens fotográficas que constam no arquivo do Colégio Centenário.

Tendo em vista que, no acervo digital da instituição constam apenas fotos da última década, e que as fotos que constam no acervo analógico são em número muito pequeno, e já que o arquivo da instituição foi perdido no incêndio em 2007 que destruiu o prédio Eunice F. Andrew onde estava o museu, foi realizada uma campanha de doação de imagens.

A campanha foi sistematizada com *layout* específico para a ação. Esta foi realizada através de postagem de cartaz (Figura 1) via rede social *Facebook* na página do Colégio Centenário e no perfil da própria pesquisadora.

Figura 1 - Peça criada para a campanha de doação de fotos

Colégio Centenário em Fotos

Você tem fotos do Colégio Centenário?

Então, contamos com seu apoio para a pesquisa e reorganização do acervo da instituição.

Como contribuir:
Enviando as imagens para o e-mail foto.centenario@gmail.com, ou através do empréstimo das fotos para serem digitalizadas.

Período: até 31 de março de 2019

Essa campanha faz parte do projeto de mestrado em Patrimônio Cultural (UFMS) de Carina Bohnert.
Mais informações pelo e-mail informado ou pelo (55)-991568348

A data escolhida para postagem foi o dia 22 de março, por ser na sexta-feira que antecedeu o aniversário do Colégio Centenário, que é em 27 de março. A escolha da sexta-feira foi pelo fato que no final de semana as pessoas possuem mais tempo de navegar nas redes sociais e com isso o impacto seria maior. O período escolhido, que contemplava um total de nove dias do lançamento até o a data máxima estipulada para envio das imagens, foi determinado pelas experiências da autora que trabalha na instituição há nove anos e sabe do envolvimento da comunidade centenarista nessa data pelo sentimento afetivo e de pertença.

Foi possível observar um envolvimento maior no perfil da pesquisadora do que na página na Instituição. Isso conduz ao entendimento que a comunidade que acompanha a página da Instituição faz parte de hábitos culturais mais modernos em que, na maioria das vezes, se alimenta dos registros realizados e publicados pelo próprio Colégio, buscando na página receber informações, mas não contribuir. Além disso, também pode-se inferir que muitas pessoas que possuem fotos históricas do Colégio Centenário, as têm no formato impresso e talvez não possuam ferramentas e até conhecimento limitado para digitalizar essas imagens e fazer o envio. Outro ponto é que, para participar seria necessário desprender tempo, fosse para providenciar o envio, ou levar as fotos para a pesquisadora fazer a digitalização, porém com as rotinas diárias isso nem sempre é possível e ainda há aqueles que moram fora de Santa Maria.

Entendeu-se também que, provavelmente o envolvimento tenha sido maior com o perfil da pesquisadora pelo fato de muitas pessoas que se envolveram já terem feito ou fazerem parte do meio acadêmico, o que proporciona que compreendam a importância do apoio nessas circunstâncias. Além disso, relacionando com as entrevistas realizadas, pode-se observar, que embora haja de forma muito forte o sentimento de ser “centenarista”, esse apego é a parte dos limites do Colégio, e muito mais presente na memória dos grupos de forma afetiva, do que de forma material com a Instituição.

No Quadro 2, é possível observar, detalhadamente, o alcance e resultados da campanha.

Quadro 2 - Resumo dos resultados da campanha de doação de fotos

	Publicação na página do Colégio no Facebook	Publicação no perfil da autora no Facebook
Curtidas/reações	61	69
Comentários	12	21
Compartilhamentos	21	42
Pessoas envolvidas/alcance	3.543	Ferramenta não disponível para perfis
Total de fotos recebidas	30 fotos, oriundas de 5 pessoas	

Fonte: Autora, 2019

Após a finalização da campanha, foram doadas fotos e outros materiais, como por exemplo peças antigas de uniforme e recorte de jornais. Esses vieram por meio de pessoas que tomaram conhecimento da pesquisa. Além disso, também foram recebidas algumas imagens que são cópias digitalizadas de fotos que existiam no acervo do Colégio, antes do incêndio. Essas fotos vieram de doação de pesquisador que as usou em trabalho acadêmico.

Outro objetivo específico da pesquisa foi sistematizar as fotografias de forma temporal. Dessa forma, é possível verificar a passagem do tempo e a evolução histórica da instituição. Para a realização desse objetivo buscou-se apoio, via projeto de extensão, inscrito e aprovado via edital da Pró-Reitoria de Extensão da UFSM.

O projeto de extensão denominado "Reconstituição do patrimônio fotográfico do Colégio Centenário de Santa Maria (RS)" está atrelado ao projeto de pesquisa "Memória, cultura e Patrimônio nos 100 anos do Colégio Centenário: registros e arquivos fotográficos", vinculando sua ação extensionista de tornar acessível imagens sobre a história do Colégio as ações do projeto de pesquisa citado. O projeto de extensão teve como objetivo geral reconstituir o acervo fotográfico do Colégio Centenário de Santa Maria (RS) organizando-o e salvaguardando-o de forma digital. Entre os seus objetivos específicos estava previsto: sistematização das fotografias que já estão no Colégio; digitalização das fotografias em suporte papel ou filmico e indexação em um *software* livre visando acesso, sendo que esta última etapa não foi possível devido ao tempo previsto para as outras etapas do projeto ter sido maior que o programado. Porém, o acervo encontra-se todo organizado de forma digital, faltando apenas o lançamento no *software ICA AtoM*, que gera uma imagem de visualização e outra para armazenagem, incluindo a descrição das fotos e que poderá ser realizado em projeto futuro.

Anterior ao processo de digitalização, as fotos foram classificadas, conforme Quadro 3.

Quadro 3 - Planilha com o total de fotos do acervo histórico, classificadas conforme datas e tipos das imagens

CLASSIFICAÇÃO	DÉCADA	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000	Total de fotos
	Fotos		18	5	20	75	0	20	7	101	69
Coloridas		0	1	0	1	0	20	7	101	69	
Preto e Branco		18	4	20	74	0	0	0	19	0	
Datadas		4	2	13	5	0	2	1	10	6	
Infraestrutura		0	1	3	1	0	2	0	6	0	
Pessoas		18	4	17	74	0	18	7	97	69	
Jornais		0	0	0	0	1	0	0	0	0	
Folhetos		0	0	0	3	0	0	0	0	0	
Certificado		0	0	3	0	0	0	0	0	0	
Cartões de Natal		6	0	0	0	0	0	0	0	0	
Álbuns		0	0	0	2	0	0	0	1	1	

Fonte: "Projeto de extensão Reconstituição do Patrimônio Fotográfico do Colégio Centenário de Santa Maria (RS)", 2019.

Dentro dessa etapa ocorreu a análise dos elementos culturais e históricos dos registros fotográficos que representam a memória da instituição estudada. Essa fase demandou de uma verificação minuciosa do acervo e dos registros fotográficos, contando inclusive, com a avaliação da conservação desses registros. Também nessa etapa, para entendimento do contexto das imagens e construção do produto final, entrevista foram realizadas com pessoas que conhecem a história do Colégio Centenário, bem como as questões históricas que a as fotos representam.

Juntando com as fotos já existentes na instituição, outras fotografias vieram por meio de doação, que foram somadas às fotografias históricas, organizadas e digitalizadas. A partir disso, foram selecionadas as fotos que compõem o catálogo seletivo, que é o último objetivo específico do projeto. Além das fotos históricas, imagens atuais, do acervo digital da instituição também foram usadas.

O Catálogo Seletivo Fotográfico é um material de cunho arquivístico e informativo, que descreve as peças documentais, sob um critério temático. No trabalho em questão, o Catálogo foi intitulado "Colégio Centenário - Uma história de 100 anos", sendo organizado em três partes, de acordo com as temáticas que envolvem o lema da instituição: Educar a mente a pensar; educar o corpo a agir; educar o coração a sentir.

Para a produção e elaboração deste material, além da exposição da história centenária da Instituição, a construção ilustrativa foi realizada por meio de 60 fotografias que compõem o acervo histórico e o acervo digital institucional. As

fotografias escolhidas trazem a ótica da autora, que ao fazer o processo de curadoria das imagens buscou retratar, dentro das possibilidades do arquivo fotográfico existente, pessoas e fatos importantes da história do Colégio Centenário.

As fotos selecionadas tiveram como critério principal de escolha a sua relevância documental, sendo que em alguns momentos a estética fotográfica não pode ser obedecida pois o fato histórico prevaleceu em relação a qualidade da imagem. A fotografia no Catálogo Seletivo “Colégio Centenário – uma história de 100 anos” foi entendida como um documento atestatório e sócio-transmissor, vista como um recorte do real daquele momento que a imagem foi fixada pela câmera fotográfica.

Acompanhando as fotografias, há a legenda, com uma breve descrição sobre aquilo que está sendo apresentado pela imagem, bem como a origem da foto e a data.

No Apêndice B, está disponível o Catálogo Seletivo “Colégio Centenário - Uma história de 100 anos”. Este foi produzido em formato de e-book, contendo 60 páginas coloridas. No início da apresentação do mesmo, as cinco fotografias mais emblemáticas e que dão as dimensões da estrutura física da instituição foram usadas de forma ampla, contemplando toda uma página acompanhada de textos nas páginas ao lado. Dentre essas fotos está a Fotografia 1, que mostra a fachada do Colégio Centenário ainda com o chalé que deu início a instituição e sendo um dos únicos registros daquela edificação posteriormente destruída para modernização da cidade de Santa Maria (acesso da rua do Acampamento).

Na sequência, as demais 55 fotografias foram distribuídas entre páginas conforme títulos e subtítulos previstos, contando as relações sociais que produziram a história institucional. Para uma harmonia na visualização, essas fotografias tiveram seus tamanhos ajustados de forma que a maioria das imagens presentes numa mesma página possuem a mesma dimensão de altura.

Para apresentação do Catálogo Seletivo “Colégio Centenário – Uma história de 100 anos”, o material salvo inicialmente em formato de PDF é transferido para uma plataforma digital chamada Yumpu, a qual facilita a visualização ao transformar o arquivo em formato de livro e permitindo folhear e ampliar as páginas melhorando a visualização das fotografias e a leitura dos textos. Este material em formato digital está disponível na *WEB* e pode ser conferido por meio do endereço eletrônico <https://www.yumpu.com/pt/document/read/63686042/catalogo-seletivo-colegio-centenario>.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como foco os registros e arquivos fotográficos do Colégio Centenário que foram entendidos como documentos patrimoniais uma vez que a fotografia foi tomada como documental. Enquanto documento, entendeu-se que a fotografia possui uma função testemunhal de interligação entre o presente e o passado. Essa memória preservada pela fotografia é geradora de um futuro, na medida que faz com que sejam perpetuadas as raízes históricas e patrimoniais.

Pode-se entender que memória, cultura e patrimônio são temas fundidos, envolvidos em um contorno de acordo com o contexto que estão inseridos. Seguindo essa ideia, observou-se que a memória é o que dá sentido aos fatos, promovendo a preservação do patrimônio e construção histórica.

A história do Colégio Centenário, contada através das fotografias, possui elementos materiais e imateriais. Materiais no sentido das representações que há nas fotografias, e imateriais através dos sentidos que essas representações possuem e que serão contadas, em alguns momentos, através de testemunhos e histórias orais.

A realização de um trabalho de recomposição dos arquivos fotográficos e criação de um acervo no Colégio Centenário permite a preservação parcial de parte do patrimônio histórico e cultural da instituição através do suporte testemunhal que é permitido pelas fotografias. Outro ponto positivo do trabalho é a aproximação da comunidade com o bem patrimonial e histórico em questão. Essa busca pela proteção do patrimônio fotográfico, entendendo-o como documento e bem patrimonial, faz parte de uma questão cultural que afeta aqueles que possuem preocupação com a perpetuação da história. Por isso, entendeu-se a fotografia como um documento importante uma vez que ela proporciona a retomada de histórias e memórias que ficaram desconhecidas, não fossem a elucidação que a imagem produz.

Além disso, as imagens nos arquivos servem para possibilitar que descobertas sejam feitas, preservando lembranças de determinados momentos e de pessoas que precisam permanecer “vivas” dentro da história devido a sua relevância e para que não haja esquecimento. Quando se fala em patrimônio, memória e fotografia, as imagens retratam acontecimentos reais que contribuíram para a formação da história da maneira como ela é; uma história que precisa ser perpetuada. Isso fortalece também a valorização do presente. Quando se pensa em patrimônio, é bom lembrar que hoje é o futuro de ontem e o passado de amanhã.

Exercendo a fotografia um papel sócio-transmissor de diferentes momentos, ela proporciona que os significados interpretados e entendidos nas imagens, que compõe o acervo e o Catálogo Seletivo, ajam como construtores culturais dos indivíduos que tiverem contato com esses registros. Além disso, a organização do acervo fotográfico documenta a passagem do tempo, de forma que as fotos contam a história da Instituição em diferentes épocas, dando destaque a elementos da memória, da cultura e do patrimônio do Colégio Centenário.

O Movimento Metodista é visto como uma ação que se fortaleceu no sentido de ser uma atividade reformadora, tendo como um dos seus canais de propagação a educação, que formou uma nova cultura. Dessa forma, verificou-se que o Movimento Metodista não foi apenas uma organização religiosa, como também estruturou a vida de quem fazia parte desse movimento, definindo a razão dos problemas da vida dessas pessoas e o propósito de uma vida ética e culta para a resolução dos mesmos. O Colégio Centenário, baseado nos princípios do Movimento Metodista, possui uma proposta humanista, sendo esse um dos diferenciais da Instituição. Ao longo das gerações, os alunos que por lá passaram desenvolveram um forte afeto pela Instituição e o sentimento de pertencimento, ou seja, um sentimento de ser centenarista.

No Brasil, observou-se a importância da Educação Metodista, uma vez que com a sua implantação contribuiu na formação das novas gerações regidas pela predominância de um ideário liberal diante da nova República. Esse ideal foi norteador para a fundação do Colégio Centenário, herança esta que se perpetuou ao longo de gerações que ali estudaram.

A construção de significado através das estratégias interpretativas das fotos proporciona a identificação e reconhecimento da comunidade na proteção e promoção do patrimônio histórico e cultural. Além disso, através do produto final, Catálogo Seletivo “Colégio Centenário - Uma história de 100 anos”, pensa-se que será despertado nessa comunidade o sentimento de pertencimento com base no patrimônio, bem como o conhecimento da sua história, favorecendo a preservação.

O estudo das fotografias do Colégio Centenário, enquanto bem patrimonial, pode ser visto como agente de desenvolvimento da sociedade, uma vez que permite trabalhar com os alunos e com a comunidade noções de Educação Patrimonial que propiciam o desenvolvimento da sociedade e das comunidades envolvidas com o objeto de estudo sob outra ótica. Isso será possível por meio do Catálogo Seletivo

“Colégio Centenário - Uma história de 100 anos”, que pode ser visto como contribuinte para o desenvolvimento sustentável da Instituição na medida em que leva a população à consciência do valor desse patrimônio, dentro da sua significação. Aquilo que diz respeito ao patrimônio diz respeito ao cidadão, quer seja ele gestor ou usuário.

Dentro dessa perspectiva, entendeu-se que a Educação Patrimonial é uma ação de caráter global com a função de sensibilizar e capacitar a população para o reconhecimento do patrimônio, vendo este como um agente de educação para o desenvolvimento. Em sua proposta, leva a comunidade a conhecer, dominar e utilizar esse patrimônio comum, incluindo adultos e crianças num processo ativo de apropriação e valorização da herança cultural. Ela é um instrumento de “alfabetização” cultural, a qual capacita o indivíduo a decifrar o mundo que o rodeia, compreendendo o universo sociocultural em que está inserido. Com isso, a comunidade por meio do Catálogo Seletivo, será instrumentalizada a ver o Colégio Centenário com outros olhos; com a visão de um patrimônio importante pela sua presença na história.

Além disso, o Catálogo Seletivo deverá mostrar aos jovens centenaristas um Colégio que eles não conheceram, mas que deu origem à Instituição que eles reconhecem hoje. Essa é uma forma de transmissão do patrimônio, sendo que, esses jovens poderão atuar como mediadores do patrimônio na medida que irão estabelecer interligações entre o patrimônio e o mundo ao seu redor, em uma dinâmica de desenvolvimento e interação.

Com isso, infere-se que as fotografias exercem um papel importante de ligação entre as memórias e histórias passadas com o presente. A partir da interpretação dessas imagens, elementos afetivos permanecem guardados funcionando como evocadores de lembranças do Colégio Centenário.

Se faz necessário destacar sobre a importância do acervo para o desenvolvimento patrimonial da Instituição. Para isso, usou-se o conceito de ecomuseu. Na ecomuseologia a matéria principal é o patrimônio global de uma comunidade, estando ligado à territorialidade daquele grupo em um processo de desenvolvimento que tem a participação dos membros da comunidade, sendo esta uma fonte de educação popular, transmissão cultural e de abertura para outras culturas. Além disso, a pesquisa e a conservação são meios de ação e não a finalidade do patrimônio. Dessa forma, as gerações jovens serão instrumentalizadas a identificar o Colégio Centenário como um bem patrimonial, não somente pela sua arquitetura, mas principalmente, pela sua relevância histórica no contexto da Igreja e da Educação

Metodista e da história de Santa Maria, bem como na história daqueles que lá estudaram.

Com base nas bibliografias estudadas, entende-se que as comemorações são formas de fixar memória que se converte em identidade das representações sociais. Com isso, fez-se uma relação com as fotografias dos aniversários do Colégio Centenário. Anualmente, o dia 27 de março é momento de comemoração e de fixar a memória de sua fundação, lembrando peculiaridades que se perpetuam até hoje como uma identidade do coletivo centenarista.

O conjunto de lembranças compartilhadas por um grupo faz parte da identidade desse grupo. Nesse intuito, conclui-se que é assim que a comunidade centenarista é construída, através das suas lembranças coletivas que são limitadas pelo tempo e pelo espaço. Conclui-se também que as memórias coletivas alimentam o sentimento de pertencimento de ser “centenarista”. Sendo que, as memórias fortalecem essa identidade aos membros do grupo, nas mais diversas gerações que o compõem.

Entende-se que os grupos mantêm relações e muitas ideias resultam desses contatos, se repetindo e prosseguindo ao longo do tempo. Essas lembranças são compreendidas devido ao contexto dos pensamentos dos membros dos grupos. Isso é perceptível e corroborado com os patrimônios imateriais do Colégio Centenário, como por exemplo o lema, as cores e o hino da escola que todas as gerações que passaram por lá relembram sempre com muita emotividade. Com isso, conclui-se que patrimônio imaterial é produzido e mantido pelos grupos, perpetuando nas novas gerações. Relacionando com essa afirmação, observa-se, de modo especial, o lema do Colégio Centenário que desde sua criação é transmitido para as gerações, num sentimento de pertencimento às memórias produzidas pelas gerações passadas.

Finalizando, entende-se que a construção de um patrimônio cultural acontece por meio da memória de determinado grupo, que desenvolve o sentimento de pertencimento, reconhecendo aquele bem como referência histórica e cultural. Esse grupo desenvolve uma identidade específica que é contribuinte para a definição do bem patrimonial e isso tudo é visível quando fala-se do Centenário enquanto patrimônio histórico e cultural.

Tendo em vista que o acervo do Colégio Centenário foi consumido por um incêndio em 2007, que acometeu o prédio onde estava instalado o museu, viu-se a fragilidade dos acervos quando especificamente em material impresso. Além disso, observou-se que políticas de preservação, de documentos físicos e digitais, se fazem

necessárias para a manutenção do acervo lá existente bem como para os arquivos recebidos por meio de doação.

Como proposta de ampliação do estudo, para outras finalidades acadêmicas, podem ser abordadas a representatividade de gênero dentro do metodismo e a presença das mulheres neste movimento, que foram/são muito importantes e tiveram/têm seu espaço respeitado e trabalho reconhecido. Também é possível ampliar o estudo através da análise semiótica das fotografias e suas representações no contexto em que se apresentam.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. In: **História** n° 14 – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, UNESP, 1995. p. 125-136.

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BELÉM, João. **História do Município de Santa Maria 1797/1933**. 3. ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2000.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. **Arquivo: estudos e reflexões**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2014.

BEBER, Cirilo Costa. **Santa Maria 200 anos: história da economia do município**. Santa Maria: Pallotti, 1998.

BETTS, João Nelson. **História das Instituições Educacionais Metodistas no Rio Grande do Sul**. 2000. Disponível em: <<http://cogeime.org.br/historia-das-instituicoes-educacionais-metodista-no-rio-grande-do-sul/>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição República Federativa do Brasil**. Brasília, DF. Senado Federal: Centro Gráfico 1988.

BRASIL. Lei nº 8.159 de 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos público e privados e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, 29, n.6, p. 455, jan. 1991. Seção I.

BRASIL. Decreto-Lei nº25 de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, 6 dez. 1937. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm>. Acesso em: 17 abr. 2020.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **Arquivo, documento e informação: velhos e novos suportes**. Disponível em: <<http://gpaf.info/photoarch/index.php?journal=phd&page=article&op=view&path%5B%5D=26>> Acesso em: 08 jul. 2019.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2006.

CORNELSEN, Elcio Loureiro; VIEIRA, Elisa Amorim; SILVA, Márcio Seligmann. **Imagem e Memória**. Belo Horizonte: Rona, 2012.

EDMONDSON, Ray. **Diretrizes para a salvaguarda do patrimônio documental**. Disponível em: <<https://mowlac.files.wordpress.com/2012/07/diretrizes-para-a-salvaguarda-do-patrimc3b4nio-documental.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2019.

FRANTINI, Renata. Educação Patrimonial em arquivos. **Revista Eletrônica do Arquivo Público de São Paulo**. São Paulo, n. 34, 2009.

FONSECA, Denise Grosso da. A educação metodista no Brasil e no Rio Grande do Sul: (re)visitando a história. **Revista Ciência em Movimento**, Porto Alegre, ano 11, n. 22, p. 75-83, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUEDES, Maria Tarcila Ferreira; MAIO, Luciana Mourão. Bem cultural. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261- 273, jul./dez. 2006.

HEITZENRATER, Richard P. **Wesley e o povo chamado metodista**. Tradução Cleide Zerlotti Wolf. 3. ed. São Bernardo do Campo, SP: EDITEO, 2016.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Dicionário do Patrimônio Cultural**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Edição Revista.

_____. **Realidades e ficções na trama da fotografia**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

LIEBLING, Carlinda Schuler. **Centenário uma história escrita com amor e por amor**. Santa Maria: Gráfica Lar Metodista, 1983.

LIMA, Cleber Michel de. **O Papel da imagem no papel: conceitos de patrimônio fotográfico e suas implicações sociais**. 2017. Disponível em: <<http://bgpaf.blogspot.com/2017/09/o-papel-da-imagem-no-papel-conceitos-de.html>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

LOPEZ, André Porto Ancona. Perspectivas de pesquisa em acervos fotográficos a partir da experiência do Grupo de Pesquisa Acervos Fotográficos. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 249-257, 2013.

_____. Imagens e documentos fotográficos em arquivos. **Arquivo & Administração**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2009, p. 59-71.

LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013.

MADIO, Telma Campanha de Carvalho. Uma discussão dos documentos Fotográficos em ambiente de arquivo. In: **Estudos avançados em Arquivologia**, Marília: Cultura Acadêmica, 2012.

MALVERDES, André; LOPEZ, André Porto Ancona. A fotografia e seus tentáculos: interpretações possíveis no universo dos arquivos. In: **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 1, p. 24-45, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

MANINI, Miriam P. A fotografia como registro e como documento de arquivo. In: Linete Bartalo; Nádina Aparecida Moreno. (Org.). **Gestão em Arquivologia: abordagens múltiplas**. 2ed.Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2011, v. 1, p. 119-183.

MELO, Alessandro de; CARDOZO, Poliana Fabiula. Patrimônio, turismo cultural e educação patrimonial. **Educação & Sociedade (on-line)**, Campinas, v.36, n. 133, p.1059-1075, 2015.

MENESES, Ulpiano B. de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.

MICHELON, Francisca Ferreira; TAVARES, Francine Silveira. **Fotografia e Memória**. Pelotas: Ed. da UFPel, 2008.

MICHELON, Francisca Ferreira; PADILHA, Renata Cardozo. As funções e os sentidos do registro fotográfico sobre o trabalho durante o século XX no Rio Grande do Sul. In: **Encontro Nacional de Estudos da Imagem**, 3., 2011, Londrina-PR.

MORAES, Stanley da Silva. **Raízes do metodismo no Rio Grande do Sul**. 2017. Disponível em: <<http://www.expositorcristao.com.br/raizes-do-metodismo-no-rio-grande-do-sul>>. Acesso em: 7 jul. 2019.

NOVAES, José Luis Corrêa. Escola, liberalismo e educação metodista no Brasil. In: **Revista de Educação do Cogeime**. São Paulo, ano 12, n. 22, p. 105-126, jun. 2003.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **Cultura é patrimônio: um guia**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de; TAMBARA, Elleomar Antonio Callegaro. **A imagem fotográfica como fonte para pesquisa em história da educação**. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo1/252.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2020.

O METODISMO no Rio grande do Sul. **2ª Re. Metodista**, 28 jun. 2019. Disponível em: < <http://2re.metodista.org.br/conteudo.xhtml?c=4675>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. Rio de Janeiro, 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

PEDRAZZI, Fernanda Kieling; SCHIO, Cleunice. Difusão digital: digitalização do acervo fotográfico de Alberto Pasqualini. In: **Caderno de Arquivologia 4**. Santa Maria, RS: FACOS, 2018.

PENA, Josep Pérez. Preservación del Patrimonio Fotográfico y su incidencia en el uso social y científico de la fotografía, Primeras Jornadas de Imagen. In: **Cultura y Tecnología**, Universidad Carlos III, Madrid, 2002. p.13-31.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Cultura e Representação**. São Paulo: Educ, 1997. (Projeto História, n. 14).

RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (Org.). **Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes**. Santa Maria, RS: Pallotti, 2012.

RODRIGUEZ, Olga Yanet Acuña. **Revista Historia y Memoria. El Pasado: Historia o Memoria**. Tunja, Colombia. Universidade Pedagógica e Tecnológica da Colombia. p. 57-87, 2014.

SANTA MARIA, Conselho Municipal de Cultura. **Santa Maria, Cidade Cultura**. Santa Maria, RS: Pallotti, 2003.

SANTOS, Henrique Machado dos; FLORES, Daniel. Um diálogo entre arquivo, conhecimento e tecnologia. **Biblios: Jornal de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 60, p. 55-62, 2015.

SANTOS, Idenéia Silveira dos. **Mulheres Metodistas em Santa Maria (1917 – 2017)**. Santa Maria, RS: Copyrigh, 2018.

SILVA, Edna Lucia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Paulo Sergio de Souza e. **Políticas Culturais em Instituições Arquivísticas: difusão, preservação e acesso ao patrimônio cultural em Minas Gerais. Juiz de Fora**. 2005. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/lahes/files/2010/03/c1-a56.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Tradução de Maria de Lourdes Parreira Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

VIGIL, Juan Miguel Sánchez. La fotografía e investigación. **Artigrama**, n. 27, p. 25-35, 2012. Universidade de Zaragoza, Espanha, 2012.

ZIOLI, Cláudio Ferraz. **Religião e Educação nos pensamentos de John Wesley (1703-1791)**. 2015. 108 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

APÊNDICES

**APÊNDICE A - TERMO DE DOAÇÃO E AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGENS
FOTOGRAFICAS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA EM PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM
PATRIMÔNIO CULTURAL**

Termo de doação e autorização do uso de imagens fotográficas

Por meio do Curso do Programa em Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria - RS será desenvolvida a Pesquisa em **Memória, Cultura e Patrimônio nos 100 anos do Colégio Centenário registros e arquivos fotográficos** sob a responsabilidade da pesquisadora **Carina Batista Bohnert**, a qual pretende analisar como o Colégio Centenário contribui para o patrimônio cultural de Santa Maria através uma análise em registros fotográficos. Sua contribuição, que é espontânea, pode ser interrompida em qualquer etapa, e se dará por meio da cedência das imagens, as quais ficarão sob minha custódia e reponsabilidade de manuseio e devolução. Além disso, conforme necessidade, uma entrevista por e-mail ou presencialmente poderá ser realizada para elucidar o contexto das imagens. Os procedimentos deste estudo representarão risco mínimo aos participantes, sendo que cuidados éticos serão tomados como descrever a fonte da foto e quem é o detentor do arquivo.

Para qualquer informação ou dúvida o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo e - *mail*: carina.bohnert@gmail.com ou ainda pelo telefone: (055) 99156-8348.

Atenciosamente
Carina Bohnert

AUTORIZO o uso da imagem abaixo descrita para ser utilizada em pesquisa acadêmica sobre o Colégio Centenário e também ser disponibilizada no arquivo da intuição (no caso de doação) ou através de uma cópia (no caso de empréstimo), conforme declaro abaixo. Também autorizo que a mesma seja reproduzida em materiais institucionais e no produto final da pesquisa, que será um catálogo seletivo contando a história do Colégio Centenário.

A presente autorização é concedida a título gratuito.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem.

Forma de cedência da imagem: () empréstimo () doação

Descrição da imagem com referência de data:

Santa Maria, _____ de _____, de 20__.

Nome/Assinatura

**APÊNDICE B – PRODUTO DE DISSERTAÇÃO:
CATÁLOGO SELETIVO, COLÉGIO CENTENÁRIO – UMA HISTÓRIA DE 100
ANOS**



The background image shows the exterior of a brick building with large windows. A semi-transparent green rectangular box is overlaid on the center of the image, containing white text. The text is centered and reads: 'Colégio Centenário', 'Uma história de 100 anos', 'Catálogo Seletivo', and 'Carina Batista Bohnert'.

Colégio Centenário
Uma história de 100 anos

Catálogo Seletivo

Carina Batista Bohnert

Colégio Centenário
Uma história de 100 anos

Catálogo Seletivo

Carina Batista Bohnert

Colégio Centenário – Uma história de 100 anos

Catálogo Seletivo

Carina Batista Bohnert



1ª Edição – Santa Maria/RS – 2020

Créditos Editoriais

Pesquisa

Carina Batista Bohnert

Projeto gráfico e diagramação

Tanara Cargnelutti

Fontes de Pesquisa

Fotos

Acervo do Instituto Metodista Centenário

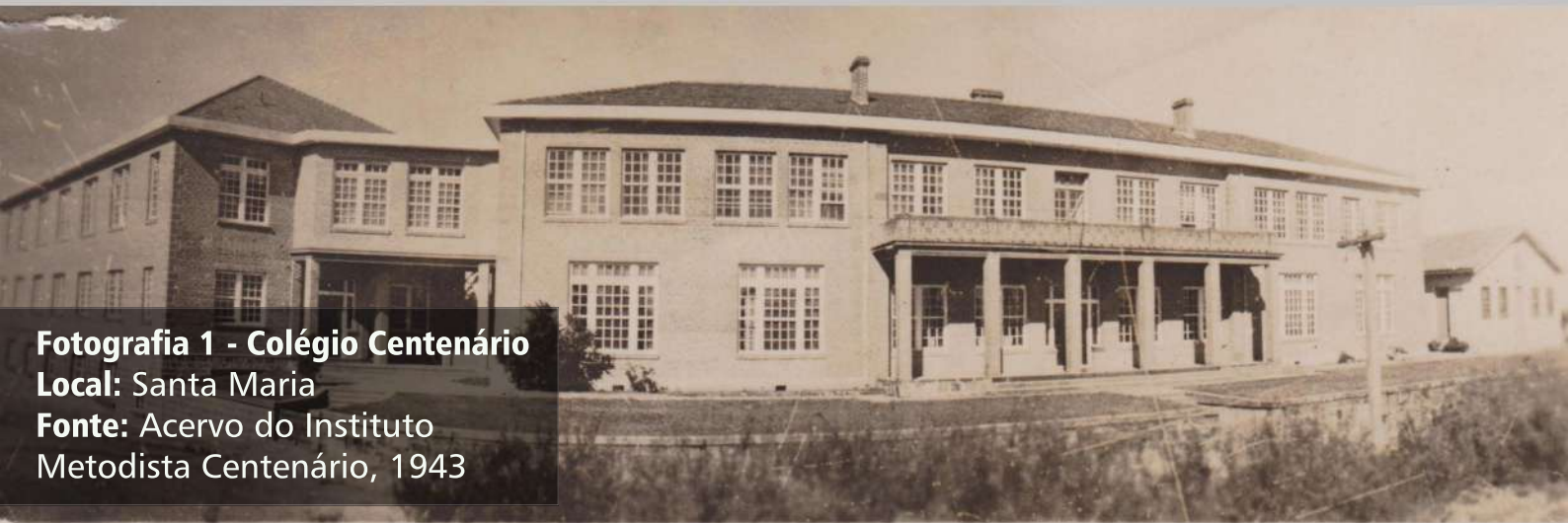
(Dados Internacionais de Catalogação na Fonte-CIP)

B677c Bohnert, Carina Batista.
Colégio Centenário – uma história de 100 anos [recurso eletrônico]
/ Carina Batista Bohnert. – Santa Maria, RS: [s.n.], 2020.
60 p. : il.
Trabalho publicado como resultado da dissertação de Mestrado
em Patrimônio Cultural do Pós-Graduação em Patrimônio Cultural,
concluído na Universidade Federal de Santa Maria em 2020, sob
orientação da Prof. Dra. Fernanda Kieling Pedrazzi.
ISBN 978-65-00-05403-3
1. Colégio Centenário. 2. Patrimônio Documental. 3. Patrimônio
Fotográfico. 4. Memória Institucional. 5. Santa Maria, RS. 6.
História Local. I. Título.
CDU 719:913(816.5Santa Maria)(084)

Bibliotecária Responsável: Débora Dornsbach Soares CRB-10/1700
Classificação CDU – edição-padrão internacional em língua portuguesa

Referência desta Publicação:

BOHNERT, Carina Batista. **Colégio Centenário – Uma história de 100 anos.**
Santa Maria: [s.n.], 2020. 60p. ISBN 978-65-00-05403-3.



Fotografia 1 - Colégio Centenário

Local: Santa Maria

Fonte: Acervo do Instituto
Metodista Centenário, 1943



Fotografia 2 - Colégio Centenário - vista aérea

Local: Entroncamento das ruas Dr. Turi e Acampamento

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 1972

APRESENTAÇÃO

O presente catálogo é o produto da pesquisa de mestrado intitulada **“Memória, Cultura e Patrimônio nos 100 anos do Colégio Centenário: registros e arquivos fotográficos”**¹, Colégio este que está sediado em Santa Maria desde 1922.

A referida pesquisa, orientada pela Prof^a Dr^a Fernanda Kieling Pedrazzi², foi realizada entre 2018 e 2020 e integra o Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), visando compreender os elementos da memória e da cultura do Colégio Centenário de Santa Maria a partir de registros e arquivos fotográficos, analisando a fotografia como documento e bem patrimonial.

¹Projeto registrado no Gabinete de Estudos e Apoio Institucional Comunitário (GEAIC) do CESH/UFSM sob nº 050987.

²Professora do Departamento de Arquivologia/CESSH/UFSM.

Dialogando entre os pressupostos metodológicos e relacionando memória, cultura e patrimônio, entende-se que estes temas estão fundidos na identidade dos Colégio Centenário e daqueles que fazem parte do grupo que carrega o sentimento de ser “centenarista”. Percebe-se que este catálogo seletivo está carregado de sentidos nas esferas cultural e histórica, perpassando também à difusão patrimonial por meio das fotografias.

Para a produção e elaboração deste Catálogo que ora se apresenta, além da exposição da história centenária da Instituição, a construção ilustrativa realizada por meio de fotografias do acervo institucional é feita em três partes a partir de seu lema “Educar a mente a pensar, o corpo a agir e o coração a sentir”. Em sua construção, foram usadas 60 fotografias³ que compõem o acervo histórico e o acervo digital do Colégio Centenário.

³As fotografias que foram registradas nas dependências do Centenário trazem duas referências distintas quanto a localização: as fotos realizadas até 1975 são referenciadas como Colégio Centenário; a partir desta data, usa-se nas referências Instituto Metodista Centenário em razão das mudanças propostas pela legislação

As fotografias escolhidas trazem a perspectiva da autora, que ao fazer o processo de seleção das imagens buscou retratar, dentro das possibilidades do arquivo fotográfico existente, pessoas e fatos importantes da história do Colégio Centenário com base no seu conhecimento e estudos.

Vale ressaltar que as fotos foram escolhidas não pela sua estética, mas de acordo com a sua relevância documental e histórica. A fotografia neste Catálogo Seletivo foi entendida como um documento atestatório e sócio-transmissor, vista como um recorte do real daquele momento que a imagem foi fixada pela câmera fotográfica.



**Fotografia 3 - Instituto Metodista Centenário -
vista aérea**

Local: Entroncamento das ruas Dr. Turi e
Acampamento

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário,
2006

Dedico este trabalho a todos aqueles que participaram da construção, perseguição e recomposição da história do Colégio Centenário de Santa Maria (RS), fundindo, em alguns momentos, as memórias da instituição de ensino com a sua própria história de vida.



Fotografia 4 - Fonte D'água Recanto da Saudade
Local: Pátio-Instituto Metodista Centenário
Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário,
2013

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
UMA HISTÓRIA CENTENÁRIA	19
FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: O PATRIMÔNIO DOCUMENTAL DO CENTENÁRIO	29
EDUCAR A MENTE A PENSAR	32
EDUCAR O CORPO A AGIR	42
EDUCAR O CORAÇÃO A SENTIR	48
REFERÊNCIAS	60

LISTA DE FOTOGRAFIAS:

Fotografia 1 - Colégio Centenário, 1946	05
Fotografia 2 - Colégio Centenário - vista aérea 1972	06
Fotografia 3 - Instituto Metodista Centenário - vista aérea, 2006	10
Fotografia 4 - Fonte D'água Recanto da Saudade	12
Fotografia 5 - Entrada do Instituto Metodista Centenário	18
Fotografia 6 - <i>Miss Eunice F. Andrew</i> (diretora)	33

Fotografia 7 - Miss Louise Best (vice-diretora)	33	Fotografia 16 - I seminário de atualização docente	37
Fotografia 8 - Primeira turma de professoras formadas com Miss Louise Best	34	Fotografia 17 - 3º Congresso de Crianças da Cidade de Santa Maria	38
Fotografia 9 - Aula de Culinária	34	Fotografia 18 - Turma de formandos do Segundo Grau	38
Fotografia 10 - Visita do escritor Érico Veríssimo a Santa Maria	35	Fotografia 19 - Campanha SOS Planeta Terra, produzida pelos estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental	38
Fotografia 11 - Aula de Ciências	35	Fotografia 20 - ORMAT - Olimpíada Recreativa de Matemática	39
Fotografia 12 - Turma de Ginásio	35	Fotografia 21 - Lançamento do Livro Nossos Sonhos na Feira do Livro de Santa Maria	39
Fotografia 13 - Feira de Ciências	36	Fotografia 22 - Festa da Família e Festa Cultural Brasileira	40
Fotografia 14 - Formatura Ginásio Experimental e Ginásio Comum	36		
Fotografia 15 - Tarde de autógrafos do livro "Centenário – uma história escrita com amor e por amor" em comemoração aos 60 anos da Instituição	37		

Fotografia 23 - Culto e solenidade de conclusão Ensino Fundamental e Ensino Médio	40
Fotografia 24 - Start Centenário – atividade festiva para marcar a transição do nome da Faculdade Metodista de Santa Maria (FAMES) para Faculdade Metodista Centenário (FMC)	41
Fotografia 25 - Seminário Pedagógico – direção, pastoral e docentes do Colégio e da Faculdade Centenário	41
Fotografia 26 - Semana da Pátria - Banda Feminina do Colégio Centenário	43
Fotografia 27 - Seminário de expressão dramática	43
Fotografia 28 - Apresentação Coral Adultos em Canto, da Escola para Adultos	44

Fotografia 29 - Apresentação - XX Noite de Luz	44
Fotografia 30 - 12º Sarau Literário Tássia Massaia Lôndero	45
Fotografia 31 - Apresentação do Coral - programação Viva o Natal, da cidade de Santa Maria	45
Fotografia 32 - XIV Mostra Centenarista de Dança	45
Fotografia 33 - Festa Esportiva	46
Fotografia 34 - 31ª Olimpíada Estudantil dos Colégios Metodistas	46
Fotografia 35 - Rádio Centenário, constituída por alunos na 65ª Olimpíada Metodista	46
Fotografia 36 - 82ª Olimpíada Metodista - equipe de futsal	47

Fotografia 37 - 86ª Olimpíada Metodista	47
Fotografia 38 - 86ª Olimpíada Metodista – mesa de abertura	47
Fotografia 39 - Miss Alice Denison e Miss Louise Best, em frente ao Edifício Eunice F. Andrew	49
Fotografia 40 - Lembrança do chá da IV série e do 3º Científico	49
Fotografia 41 - Atividade para comemorar o Dia das Mães	50
Fotografia 42 - Museu do IMC	50
Fotografia 43 - Culto de Páscoa	51
Fotografia 44 - Culto e confraternização de final de ano dos professores e técnicos-administrativos	51

Fotografia 45 - Semana Farroupilha Chegada da chama crioula	51
Fotografia 46 - Homenagem à Miss Wilma Roberts, no aniversário de 90 anos do Colégio Centenário	52
Fotografia 47 - Homenagem a senhora Maria José Soares da Rocha em comemoração aos seus 98 anos	53
Fotografia 48 - Fonte d'água Recanto da Saudade	54
Fotografia 49 - Reinauguração da fonte d'água Recanto da Saudade, restaurada pela Associação de Ex-alunos	54
Fotografia 50 - Encontro das ex-alunas da primeira turma de formadas com Miss Louise Best	55

Fotografia 51 - Encontro de ex-alunas	55	Fotografia 58 - Comemoração: 92 anos do Colégio Centenário	58
Fotografia 52 - Chá das ex-alunas	56	Fotografia 59 – Comemoração: 95 anos do Colégio Centenário	59
Fotografia 53 - Encontro de ex-alunos – comemoração dos 40 anos de conclusão do Primeiro e do Segundo Grau	56	Fotografia 60 – Comemoração: 98 anos do Colégio Centenário	59
Fotografia 54 - Alunas em comemoração ao aniversário do Colégio Centenário	57		
Fotografia 55 - Comemoração: 75 anos do Colégio Centenário	57		
Fotografia 56 - Comemoração: 77 anos do Colégio Centenário	58		
Fotografia 57 - Comemoração: 90 anos do Colégio Centenário – direção, alunos e ex-alunas comemorando juntos	58		



Fotografia 5 - Entrada do Instituto Metodista Centenário

Local: Pátio-Instituto Metodista Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2013

UMA HISTÓRIA CENTENÁRIA⁴

Em 1922, a escola foi fundada pelas missionárias norte-americanas *Miss Eunice F. Andrew*, diretora, e *Miss Louise Best*, vice-diretora. A Fundação do Colégio Centenário é fruto do trabalho da Igreja Metodista que buscava, através das instituições de ensino, atender às exigências espirituais, intelectuais, culturais, sociais e materiais da sociedade.

Assim, no longínquo 27 de março de 1922, nascia o Colégio Centenário sob direção de duas missionárias norte-

americanas. E, desde então, por ele têm passado milhares de brasileiros que ali aprimoram o seu intelecto e seu caráter e muitos dos quais merecem hoje destaque em vários setores importantes da vida nacional e além-fronteiras. (LIEBLING, 1983, p. 16)

Os recursos para a instalação e construção do Colégio Centenário vieram, em parte, das celebrações do centenário das Missões da Igreja Metodista dos Estados Unidos, mediante esforço da sociedade de mulheres daquele país.

⁴Texto baseado no conteúdo da dissertação da autora (BOHNERT, 2020, p. 17)

Muitos movimentos marcaram o centenário das Missões Metodistas, sendo este um dos fatores preponderantes para o nome da nova instituição de ensino que nascia em Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul: Centenário. O nome Colégio Centenário também deve-se por 1922 ser o ano da comemoração do primeiro centenário da independência política do Brasil. Ambos os fatos foram determinantes na escolha do nome da escola que estava sendo inaugurada naquele ano na cidade de Santa Maria.

O Colégio Centenário que o texto des-
venda é a soma de certezas, presentes
desde sua fundação: - a confiança no
poder criador e transformador dos

homens, quando impulsionados por
um ideal cristão e renovador; - a cons-
ciência da necessidade de investimen-
to progressivo na educação, com
vistas ao desenvolvimento do processo
civilizatório, paralelo à dignidade e ca-
pacidade do ser humano; - a valoriza-
ção incondicional da criatura humana
e a fé nas suas realizações. (LIEBLING,
1983, p. 9)

O centenário das Missões Metodistas
teve grande movimentação sendo que,
naquele período, várias Igrejas Meto-
distas e instituições de ensino foram
instaladas no Brasil.

Em 27 de março de 1922 o Colégio
Centenário inaugurou suas atividades
com sete alunos: cinco meninas e dois
meninos. Das alunas, três eram

também integrantes do internato da escola. Ao findar o ano, já eram 50 alunos compondo o corpo discente do Centenário, sendo que, destes, 13 eram internos.

O Colégio Centenário iniciou suas atividades com a oferta de curso Normal, hoje correspondente ao curso de Magistério, em nível de Ensino Médio, sendo que a primeira turma composta por cinco alunas se formou em 1926. Essa turma teve o privilégio e o desafio de criar o lema da escola: “Educar a mente a pensar, o corpo a agir e o coração a sentir”. Este lema é presente até hoje na Instituição e é um norteador das ações educacionais. Também

coube a essa turma a criação do modelo do anel de formatura por muitos anos usado pelas jovens professoras. Constituíam-se em uma joia com uma tocha em relevo rodeada com a abreviatura do lema.

Quando do início de suas atividades, o prédio que abrigava o novo educandário era um chalé de alvenaria, com amplo terreno ao lado esquerdo e um grande pomar aos fundos, conforme afirma Liebling (1983). Ainda no ano de sua fundação foi iniciado o projeto para o novo edifício, que recebeu o nome Eunice F. Andrew, fundadora e primeira diretora do educandário, função na qual ficou por

15 anos.

Assim, no dia 7 de setembro de 1922, foi virada a primeira pá de terra para posterior lançamento da pedra angular do Edifício Principal, obra imponente, construída pelo engenheiro norte-americano, Willey Clay, no mais adiantado estilo da época. (LIEBLING, 1983, p. 25)

De acordo com relatos, o chalé de alvenaria que abrigava o Colégio Centenário ficava localizado onde hoje encontra-se a passagem da rua do Acampamento, no Centro de Santa Maria (fechando a rua). Mais tarde o espaço foi desapropriado e a edificação derrubada para dar continuidade ao traçado da rua.

A arquitetura exuberante e diferenciada do prédio Eunice F. Andrew foi projetada pelo engenheiro norte-americano Willey Theodore Clay, no estilo colonial norte-americano. Este prédio deu origem ao estilo das duas edificações seguintes, o Edifício Dez de Novembro, de 1942, e o Edifício Elizabeth Lee, construído em 1951.

Sobre o estilo arquitetônico do edifício Eunice F. Andrew, os arquitetos e historiadores Luiz Gonzaga Binato de Almeida e José Antonio Brenner de Brenner, destacam:

Foi projetado nos Estados Unidos pelo engenheiro Willey T. Clay. Leva o nome de "Eunice F. Andrew", em

homenagem à diretora dos primeiros quinze anos da instituição. Vários outros pavilhões foram incorporados ao primeiro, constituindo um complexo arquitetônico destacado na paisagem urbana e educacional da cidade. (SANTA MARIA, 2003, p. 124)

As cores características do Colégio Centenário foram escolhidas no dia de seu primeiro aniversário. Liebling (1983) relata que ao amanhecer do dia 27 de março de 1923, a então vice-diretora, Miss Louise Best preparou uma surpresa. Ao chegarem ao refeitório para o café da manhã as professoras, funcionárias e alunas residentes na casa se depararam com um bolo de aniversário com uma velinha acesa. O bolo foi colocado sobre uma mesa

com toalha branca, ornamentada por galhos verdes, trazidos do jardim da Escola. As cores verde e branco foram entendidas como a “esperança” e a “pureza”, passando a serem as cores do Colégio, usadas até hoje pela Instituição.

A partir de 1946 o Colégio passou a oferecer os cursos Clássico e Científico. Ambos cursos correspondem ao Ensino Médio, nos dias de hoje. O Clássico era focado no estudo de Filosofia e Línguas, enquanto o Científico oferecia disciplinas relacionadas às Ciências e Exatas. Em 1958, a instituição foi reconhecida como de “Utilidade Pública Municipal” através da Lei Municipal nº

690, no governo de Vidal Castilhos Dania, então Prefeito de Santa Maria. No ano seguinte, em 1959, o Colégio é registrado no Ministério da Educação (MEC) sob o nº 1.349.

Em 1975, seguindo a legislação do País, e com o apoio do Concílio Geral da Igreja Metodista, é criado o Instituto Metodista Centenário, passando o Colégio Centenário a constituir uma unidade dessa instituição. No ano seguinte, em 1976, sob o Decreto nº 24.670 a instituição é declarada como de “Utilidade Pública Estadual”.

⁵Lei Nº 12.796 de 4 de abril de 2013, que altera a Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1
Acesso em: 16 jun. 2020.

No ano de 1998, a partir da ampliação de sua proposta educacional, além da Educação Básica (compreendida pela Educação Infantil, o Ensino Fundamental obrigatório de nove anos e o Ensino Médio)⁵, o Instituto Metodista Centenário passou a ofertar também o ensino superior através da Faculdade Metodista de Santa Maria (FAMES).

Na madrugada de 16 maio de 2007, durante uma tempestade que caía sobre a cidade de Santa Maria, o prédio histórico Eunice F. Andrew foi acometido por um incêndio. O sinistro

danificou a estrutura em grandes proporções, causando perdas significativas, inviabilizando seu uso posteriormente a esta data.

Em 2019, como forma de retomada histórica e por verificação da identidade institucional e reconhecimento da comunidade perante a representatividade do nome "Centenário", a unidade de ensino superior do Instituto Metodista Centenário muda seu nome. A partir de fevereiro do referido ano a FAMES passa a chamar-se Faculdade Metodista Centenário (FMC). Simbolicamente, a data escolhida para marcar a passagem do nome e

lançamento da nova marca foi o dia 27 de março, alusivo à fundação da Instituição.

O Instituto Metodista Centenário, mantenedor do Colégio e da Faculdade Centenário, oferece em sua proposta educacional vários níveis de ensino. O Colégio Centenário contempla Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. A Faculdade Centenário oferece graduação, pós-graduação além de realizar diversos projetos e programas de extensão.

O Colégio Centenário cresceu em tamanho e em prestígio, em eficiência e em formas de serviço. [...] Não envelheceu; renovou-se, atualizou-se,

porque ele é mais que material que corrói, é símbolo de um espírito que é imortal, que transcende ao tempo e ao espaço. (LIEBLING, 1983, p. 82)

Enquanto bem patrimonial, sob o Decreto Executivo nº 115⁶, em 16 de dezembro de 2016, que “autoriza o Tombamento Definitivo de bens móveis e imóveis do Colégio Metodista Centenário”. No documento está previsto o tombamento da estrutura remanescente após o incêndio que atingiu o Edifício Eunice F. Andrew, construído em 1922; o Edifício Dez de Novembro, construído em 1942, com todos seus elementos arquitetônicos;

o Auditório Alice Denison; o Edifício Elizabeth Lee, construído em 1951; a Capela Branca Lopes da Rosa, de 1960; o muro de pedra que circunda a escola; a fonte d’água chamada Recanto da Saudade; um relógio de pêndulos, denominado “Carrilhão Pedestal”, de 1923; os pianos da Instituição, incluindo um piano de cauda, restaurado em 2017; e um sino que ficava localizado na parede lateral do Edifício Eunice F. Andrew.

Passados 11 anos desde que o Edifício Eunice F. Andrew foi acometido pelo incêndio, em 2018, a estrutura

⁶Site da Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria. Disponível em: <https://www.camara-sm.rs.gov.br/camara/proposicao/pesquisa/2016/1/0/14227> Acesso em: 16 jun. 2020.

remanescente da edificação, que estava em estado de ruínas e apresentava riscos de queda, foi derrubada e o terreno terraplanado. No local, um novo prédio será erguido por uma construtora local. Os dois primeiros andares serão para uso do Colégio, seguindo a mesma metragem que tinha o antigo edifício. Os demais andares serão para uso residencial.

Quanto à estrutura física, atualmente a Instituição conserva as seguintes edificações:

– Edifício 10 de novembro – em homenagem a data de nascimento de *Miss Louise Best*, de 1942. Este prédio

abriga salas de aula, laboratórios, departamentos administrativos, a Pastoral Universitária e Escolar, o Auditório Alice Denison, a Biblioteca Elisabeth Soares Coelho e a Biblioteca Infanto Juvenil, Fausta Montebianco;

– Edifício Elizabeth Lee, de 1951. Neste edifício estão localizadas salas de aula e departamentos administrativos, incluindo a sala da Diretoria;

- Capela Branca Lopes da Rosa, de 1960;

– Edifício Herta Pulman Chagas, de 1972, que abriga a Educação Infantil em sua parte interna e o Núcleo de Práticas Jurídicas (NPJ) da Faculdade Metodista Centenário;

– Ginásio poliesportivo, que substituiu um antigo pavilhão de madeira, onde eram realizadas as atividades esportivas. O início da construção foi em 1982 e a finalização em 1994. Devido a perda da estrutura do Edifício Eunice F. Andrew, e ampliação da Faculdade, na parte de baixo do Ginásio, que fica no nível da Avenida Nossa Senhora das Dores, estão localizados setores administrativos, incluindo a coordenação dos cursos de graduação, a Cátedra de Direitos Humanos, laboratórios e salas de aula.

Além das edificações, também é destaque no pátio da Instituição a fonte d'água Recanto da Saudade, que é

adornada por uma área verde. A fonte foi restaurada em 1999, pela associação de ex-alunos e, em 2014 passou novamente por um processo e revitalização. O local possibilita um aconchegante espaço de convivência para os diversos públicos do Centenário.

O Colégio Centenário já teve 15 diretores, todos ligados à Igreja Metodista. Atualmente, o Colégio e a Faculdade Centenário são dirigidos pelo professor Walter Chalegre dos Santos. O presente projeto, teve início na gestão do professor Marcos Wesley da Silva, tendo a atual direção dado apoio à continuação do mesmo.

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: O PATRIMÔNIO DOCUMENTAL DO CENTENÁRIO

A fotografia é uma forma de preservação da memória e difusão da história. Por meio dela, um fragmento selecionado do real é fixado com o uso da câmera fotográfica. A partir de então, ela torna-se em um testemunho de um passado preservado; uma lembrança congelada no tempo.

A memória é geradora do futuro. Ela atesta a passagem do tempo mostrando uma origem e uma continuidade da história. Entende-se que a fotografia é parte disso na medida que é documento atestatório fixado por meio da imagem.

A fotografia é um documento que faz parte do patrimônio histórico, por isso pode ser vista como um objeto de memória, que traduz momentos em cenas. O objeto fotográfico, mesmo que recente, vai sempre referir-se ao passado, a algo que já aconteceu e que pode ser fixado como memória.

Dessa forma, entende-se a fotografia como um registro documental que faz com que as memórias sejam perpetuadas. É assim que se entende o patrimônio documental do Colégio Centenário.

Por meio das fotografias da instituição, fragmentos reais que foram fixados na imagem são capazes de transmitir sentimentos e lembranças que, por meio de suas narrativas, contam a história da instituição.

Através do patrimônio fotográfico do Colégio Centenário a perpetuação da história da instituição alcança diferentes gerações, refletindo a evolução da comunidade centenarista e a presença do Centenário no espaço de tempo de cem anos.

Essa herança patrimonial, presente nos acervos fotográficos histórico e digital da instituição, faz parte de uma evolução humana, carregada de sentidos e de expressões da vida social.

Foi pensando nisso e na importância da instituição num espaço de tempo de cem anos que o projeto envolvendo o patrimônio documental fotográfico como um bem cultural do Colégio Centenário foi sistematizado. Por meio das fotografias históricas existentes na instituição, e através de campanha para envolver a comunidade na doação de fotos que se juntaram ao acervo digital institucional, a história centenária pode ser organizada.

A partir de um projeto de extensão auxiliar, com o apoio do curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), as fotos históricas foram organizadas, digitalizadas e descritas. Todo esse trabalho, mesmo

que sem uma classificação documental arquivística, foi reunido ao acervo digital compondo o patrimônio documental fotográfico do Colégio Centenário.

Este patrimônio documental, atestado por meio das fotografias, tem valor para a identidade da instituição de ensino uma vez que possui uma natureza comunitária para o contexto educacional metodista, para a cidade de Santa Maria e para todos aqueles que possuem fragmentos da história centenária na constituição de suas histórias de vida.

O patrimônio centenarista está presente na vida de todos aqueles que afetivamente estão envolvidos com o Centenário.

É por meio da tradição e da memória que o futuro é projetado e a história é perpetuada.

EDUCAR A MENTE A PENSAR

O Colégio Centenário sempre promoveu uma proposta de educação humanista, baseada no ser humano como centro do processo de ensino e aprendizagem. Durante todos seus anos de história, buscou a formação de estudantes críticos e comprometidos com a sociedade.

Como forma de reafirmação desse compromisso com seus públicos e entendendo a educação como transformadora na busca de uma sociedade mais humana, em 1998 foi criada a Faculdade Metodista de Santa Maria (atualmente Faculdade Metodista Centenário) a partir da ampliação da sua proposta educacional.

AS FUNDADORAS



Fotografia 6 - Miss Eunice F. Andrew (diretora)

Local: Não identificado

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 1926



Fotografia 7 - Miss Louise Best (vice-diretora)

Local: Não identificado

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 1926

EDUCAR A MENTE A PENSAR



Fotografia 8 - Primeira turma de professoras formadas com Miss Louise Best (diretora em exercício naquele momento)

Local: Colégio Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 1926



Fotografia 9 - Aula de Culinária

Local: Colégio Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 1930



Fotografia 10 - Visita do escritor Érico Veríssimo a Santa Maria

Local: Biblioteca - Colégio Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 1940



Fotografia 11 - Aula de Ciências

Local: Laboratório de Ciências – Colégio Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário - Coleção doada por Liane Ana Potter, década de 1960



Fotografia 12 - Turma de Ginásio

Local: Sala de aula – Colégio Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário - Coleção doada por Liane Ana Potter, década de 1960

EDUCAR A MENTE A PENSAR



Fotografia 13 - Feira de Ciências

Local: Colégio Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário - Coleção doada por Liane Ana Potter, década de 1960



Fotografia 14 - Formatura Ginásio Experimental e Ginásio Comum

Local: Salão Nobre – Colégio Centenário
Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário - Coleção doada por Liane Ana Potter, década de 1960



Fotografia 15 - Tarde de autógrafos do livro "Centenário – uma história escrita com amor e por amor" em comemoração aos 60 anos da Instituição, de autoria de Carlinda Schuler Liebling que foi uma das primeiras alunas do Colégio Centenário e posteriormente professora da instituição, com a diretora da época, professora Herta Thea Puhlmann Chagas
Local: Instituto Metodista Centenário
Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 1983



Fotografia 16 - I Seminário de Atualização Docente
Local: Salão Nobre - Instituto Metodista Centenário
Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 1986

EDUCAR A MENTE A PENSAR



Fotografia 17 - 3º Congresso de Crianças da Cidade de Santa Maria

Local: Rua do Acampamento

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 1996



Fotografia 18 - Turma de formandos do Segundo Grau

Local: Instituto Metodista Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 1997



Foto 19 - Campanha SOS Planeta Terra, produzida pelos estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental

Local: Instituto Metodista Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2012



Fotografia 20 - ORMAT - Olimpíada Recreativa de Matemática

Local: Instituto Metodista Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2014



Fotografia 21 - Lançamento do Livro Nossos Sonhos na Feira do Livro de Santa Maria, produzido pelos estudantes do Pré B

Local: Praça Saldanha Marinho

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2019

EDUCAR A MENTE A PENSAR



Fotografia 22 - Festa da Família e Festa Cultural Brasileira

Local: Ginásio - Instituto Metodista Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2019



Fotografia 23 - Culto e solenidade de conclusão Ensino Fundamental e Ensino Médio

Local: Igreja Metodista Central

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2019



Fotografia 24 - Start Centenário – atividade festiva para marcar a transição do nome da Faculdade Metodista de Santa Maria (FAMES) para Faculdade Metodista Centenário (FMC), como um resgate histórico da instituição educacional que deu origem ao segmento de Ensino Superior

Local: Pátio - Instituto Metodista Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2019



Fotografia 25 - Seminário Pedagógico – direção, pastoral e docentes do Colégio e da Faculdade Centenário

Local: Auditório Alice Denison - Instituto Metodista Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2020

EDUCAR O CORPO A AGIR

Desde sua fundação, a valorização da atividade física sempre foi uma constância no Colégio. Por meio do incentivo ao esporte, o Colégio Centenário, juntamente com as outras escolas metodistas do Rio Grande do Sul, promovem atualmente as Olimpíadas Metodistas, sendo os jogos escolares mais antigos sem interrupção que se tem conhecimento no Brasil.

Além dos esportes, atividades artísticas e culturais também fazem parte da proposta educacional da instituição, envolvendo o corpo e a sua expressividade.



Fotografia 26 - Semana da Pátria - Banda Feminina do Colégio Centenário

Local: Rua do acampamento

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, década de 1940



Fotografia 27 - Seminário de expressão dramática

Local: Instituto Metodista Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, década de 1980

EDUCAR O CORPO A AGIR



Fotografia 28 - Apresentação Coral Adultos em Canto, da Escola para Adultos

Local: Não identificado

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, década de 1990



Fotografia 29 - Apresentação - XX Noite de Luz

Local: Ginásio - Instituto Metodista Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2013



Fotografia 30 - 12º Sarau Literário Tássia Massaia Lôndero

Local: Auditório Alice Denison - Instituto Metodista Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2014



Fotografia 31 - Apresentação do Coral - programação Viva o Natal, da cidade de Santa Maria. Coral composto por aproximadamente 150 alunos, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental

Local: Praça Saldanha Marinho

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2018



Fotografia 32 - XIV Mostra Centenarista de Dança

Local: Theatro Treze de Maio

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2019

OLIMPÍADAS METODISTAS E ATIVIDADES ESPORTIVAS



Fotografia 33 - Festa Esportiva

Local: Antigo pavilhão de madeira no Colégio Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 1940



Fotografia 34 - 31ª Olimpíada Estudantil dos Colégios Metodistas

Local: Instituto Educacional de Passo Fundo

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário - Coleção cedida por Sonia Berenice Tolfo, 1963



Fotografia 35 - Rádio Centenário, constituída por alunos na 65ª Olimpíada Metodista

Local: Instituto Metodista Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário - doação Christian Brackmann, 1997

OLIMPÍADAS METODISTAS E ATIVIDADES ESPORTIVAS



Fotografia 36 - 82ª Olimpíada Metodista - equipe de futsal
Local: Ginásio - Instituto Metodista Centenário
Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2014



Fotografia 37 - 86ª Olimpíada Metodista
Local: Ginásio - Instituto Metodista Centenário
Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2018



Fotografia 38 - 86ª Olimpíada Metodista – mesa de abertura
Local: Ginásio - Instituto Metodista Centenário
Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2018

EDUCAR O CORAÇÃO A SENTIR

A partir da sua filosofia confessional Metodista, baseada em valores éticos e princípios cristãos, o Colégio Centenário valoriza a formação de cidadãos íntegros e comprometidos com a sociedade que estão inseridos.

É por meio de sentimentos genuínos que os estudantes são chamados a partilharem de uma vida mais humana e fraterna.



Fotografia 39 - Miss Louise Best e Miss Alice Denison

Local: Colégio Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, data não identificada



Fotografia 40 - Lembrança do chá da IV série e do 3º Científico

Local: Colégio Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário - Coleção doada por Liane Ana Potter, 1962

EDUCAR O CORAÇÃO A SENTIR



Fotografia 41 - Atividade para comemorar o Dia das Mães

Local: Colégio Centenário (sala da tia Soninha)

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, década de 1980



Fotografia 42 - Museu do IMC

Local: Instituto Metodista Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 1994



Fotografia 43 - Culto de Páscoa

Local: Auditório Alice Deninson - Instituto Metodista Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário - Coleção doada por Elisabeth Coelho, data não identificada



Fotografia 44 - Culto e confraternização de final de ano dos professores e técnicos-administrativos

Local: Fonte d'água Recanto da Saudade

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2013



Fotografia 45 - Semana Farroupilha - Chegada da chama crioula

Os festejos farroupilhas, que fazem parte a cultura gaúcha, são anualmente realizados no Colégio Centenário durante a Semana Farroupilha

Local: Pátio - Instituto Metodista Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2016

HOMENAGENS – PESSOAS IMPORTANTES PARA O CENTENÁRIO

Fotografia 46 - Homenagem à Miss Wilma Roberts, no aniversário de 90 anos do Colégio Centenário

A missionária Wilma Roberts é membro da Igreja Metodista dos Estados Unidos, foi professora do Colégio Centenário e também desempenhou funções administrativas na instituição como vice-reitora e diretora do pensionato para alunas das universidades, o qual funcionou nas dependências do Colégio Centenário. Além disso, em 2005 foi criada a Cátedra de Gênero Wilma Roberts na Faculdade Metodista de Santa Maria (FAMES) em reconhecimento as suas ações relacionadas à educação em diversas instituições metodistas, bem como ações da Igreja Metodista em diversos países. Na foto estão o então diretor geral do Instituto Metodista Centenário, professor Roberto Pontes da Fonseca e Miss Wilma Roberts.

Local: Espaço Esmeralda (jantar comemorativo ao aniversário)

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2012



HOMENAGENS – PESSOAS IMPORTANTES PARA O CENTENÁRIO



Fotografia 47 - Homenagem à senhora Maria José Soares da Rocha em comemoração aos seus 98 anos

A Dona Maria José (como é carinhosamente conhecida) foi aluna e interna do Colégio Centenário na década de 1930. Após se formar, trabalhou na instituição como secretária, tesoureira e administradora até se aposentar na década de 1980. Com frequência visita o Colégio Centenário, sendo conhecida pelos alunos e funcionários da instituição.

Na foto estão o diretor do Colégio Centenário e da Faculdade Metodista Centenário, professor Walter Chalegre dos Santos e a Dona Maria José.

Local: Instituto Metodista Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2019

Fonte d'água Recanto da Saudade



Fotografia 48 - Fonte D'água Recanto da Saudade

Local: Pátio – Colégio Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário - Coleção doada por Liane Ana Potter, década de 1960



Fotografia 49 - Reinauguração da fonte d'água Recanto da Saudade, restaurada pela Associação de Ex-alunos

Local: Pátio – Instituto Metodista Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 1999

ENCONTRO DE EX-ALUNOS



Fotografia 50 - Encontro das ex-alunas da primeira turma de formadas com *Miss Louise Best* (Morena Schule; Louise Best diretora da escola; Lucila Rolim e Carlinda Schuler)
Local: Colégio Centenário
Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, data não identificada



Fotografia 51 - Encontro de ex-alunas
Local: Colégio Centenário
Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, data não identificada

ENCONTRO DE EX-ALUNOS



Fotografia 52 - Chá das ex-alunas
Local: Instituto Metodista Centenário
Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 1980



Fotografia 53 - Encontro de ex-alunos – comemoração dos 40 anos de conclusão do Ensino Fundamental e Ensino Médio
Local: Instituto Metodista Centenário
Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2019

COMEMORAÇÃO - ANIVERSÁRIOS DO COLÉGIO CENTENÁRIO



Fotografia 54 - Alunas em comemoração ao aniversário do Colégio Centenário

Local: Refeitório do Colégio Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário - Coleção cedida por Sonia Berenice Tolfo, década de 1960



Fotografia 55 – Comemoração: 75 anos do Colégio Centenário

Local: Instituto Metodista Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 1997

COMEMORAÇÃO - ANIVERSÁRIOS DO COLÉGIO CENTENÁRIO



**Fotografia 56 –
Comemoração: 77 anos do
Colégio Centenário**
Local: Capela Branca Lopes
da Rosa - Instituto Metodista
Centenário
Fonte: Acervo do Instituto
Metodista Centenário, 1999



**Fotografia 57 –
Comemoração: 90 anos do
Colégio Centenário –
direção, alunos e ex-alunas
comemorando juntos**
Local: Instituto Metodista
Centenário
Fonte: Acervo do Instituto
Metodista Centenário,
2012



**Fotografia 58 –
Comemoração: 92 anos do
Colégio Centenário**
Local: Instituto Metodista
Centenário
Fonte: Acervo do Instituto
Metodista Centenário,
2014

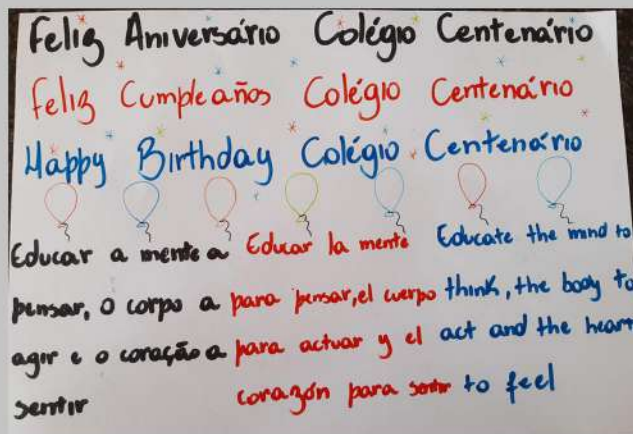
CELEBRAÇÃO - ANIVERSÁRIOS DO COLÉGIO CENTENÁRIO



Fotografia 59 – Comemoração: 95 anos do Colégio Centenário

Local: Instituto Metodista Centenário

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, 2017



Fotografia 60 – Comemoração: 98 anos do Colégio Centenário – cartaz produzido pelo aluno João Vitor Bichueti, do 2º ano do Ensino Médio. Devido à pandemia do Coronavírus que resultou na suspensão das atividades presenciais por vários meses, a comemoração do aniversário de 98 anos do Colégio Centenário ocorreu de forma virtual, via redes sociais e com homenagens por meio de produções dos alunos.

Fonte: Acervo do Instituto Metodista Centenário, João Vitor Bichueti, 2020

REFERÊNCIAS

BOHNERT, Carina Batista. Memória, Cultura e Patrimônio nos 100 anos do Colégio Centenário: registros e arquivos fotográficos. 2020. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020.

LIEBLING, Carlinda Schuler. Centenário uma história escrita com amor e por amor. Santa Maria: Gráfica Lar Metodista, 1983.

SANTA MARIA, Conselho Municipal de Cultura. Santa Maria, Cidade Cultura. Santa Maria: Pallotti, 2003.

SANTOS, Idenéia Silveira dos. Mulheres Metodistas em Santa Maria (1917 – 2017). Santa Maria: Copyrigh, 2018.

Colégio Centenário
Uma história de 100 anos

Catálogo Seletivo

Carina Batista Bohnert

